AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
DIRECTOR DO MUSEU DO ESTADO DE SÃO PAULO, EX-PROFESSOR CATEDRATICO DA ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO

DNC

A PROPAGAÇÃO DA CULTURA CAFEEIRA

EDIÇÃO DO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFE

1934

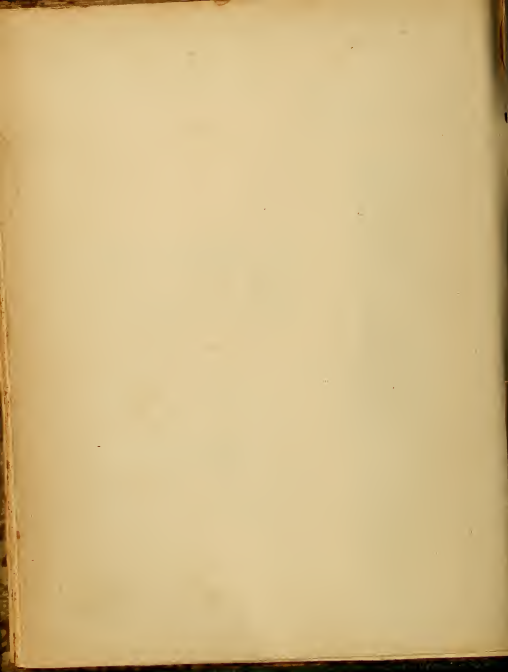
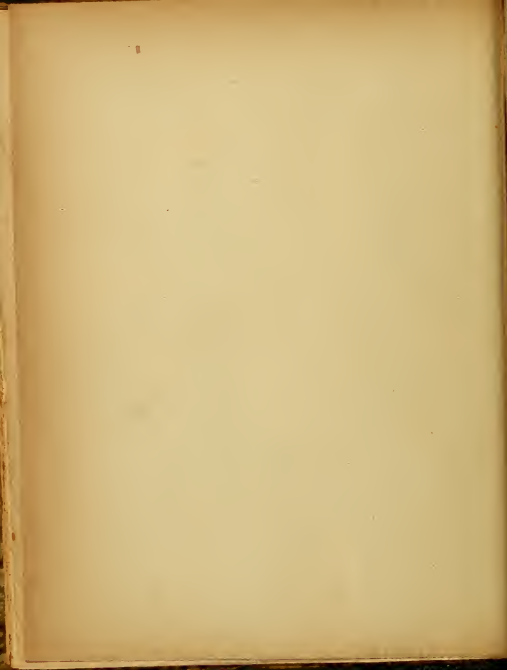
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, DIRECTOR DO MUSEU DO ESTADO DE SÃO PAULO, EX-PROFESSOR CATEDRATICO DA ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO

A PROPAGAÇÃO DA CULTURA CAFEEIRA

EDIÇÃO DO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFE'

1934

Engenho primitivo de canna em Campinas, provincia de S. Paulo. (1836)
Fazenda da Cachoeira de D. Thereza do Amaral Pompeu — (Hercules Florence)

A PROPAGAÇÃO DA CULTURA CAFEEIRA NO BRASIL

Paturage et labourage ce sont les deux mamelles de la France, apregoava como tanto é sabido o grande ministro de Henrique IV numa frase infinitas vezes repetida. E merecendo sê-lo, pois traduz a síntese de um estado econômico nacional, numa época em que não havia ainda indústria e por assim dizer, apenas oficios, e quando a França mal esboçara a sua política colonial.

A mesma orientação de espírito de Sully levou, em princípios do seculo XVIII, o ilustre jesuita italiano, João Antonio Andreoni, mais de século e meio tenazmente oculto sob o critónimo célebre de Antonil, a intitular, como o fez, o seu livro no Brasil famoso. Obra esta tão notável que o govêrno português, impressionado com a sua veracidade, lhe ordenária o rigoroso confisco e destruição, receioso de que servisse de porta voz das riquesas auríferas do Brasil perante o Universo, assim se estimulando o apetite das nações fortes e sequiosas de sólos ricos em metais nobres.

Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas é o título dêste tratado inestimavelmente precioso em que se descrevem as duas grandes báses de toda a economia brasileira em principios do setecentismo. As drogas vêm a ser o assucar e o fumo. E as minas, as do enorme pactolo que apenas começava a ser explorado, na região do hinterland fluminense, o do Espinhaço e seus contrafortes.

E, com efeito,ao Brasil, já duas vezes secular, creara a cana de assucar. Só haviam até fins do seculo XVII prosperado e enriquecido os nucleos onde a graminea sacríferas vicejara; na tira do massapé de Pernambuco e na mancha do Reconcavo baiano.

E assim sucêdera até que os paulistas revelassem a enorme bolsa de ouro nativo dos vales atormentados do Espinhaço. Mas esgotada esta e as outras, muito menos opulentas, de Goiáz e de Mato Grosso voltaria o assucar a ser a grande "mama" do Brasil. Até que viesse o colapso da baixa de seu preço como consequência das perturbações do comércio universal, creadas pela Revolução Franceza e o império napoleônico, de que nasceu a utilisação do teôr sacarino da beterraba...

Por todos os motivos, sobretudo os de ordem histórica, é digna de reparos a injustiça, praticada em 1822, quando, no escudo imperial do Brasil, recem independente, deixou de figurar uma haste de cana. Mil direitos mais tinha á homenagem alí do que o ramo de fumo.

I

Houvesse Antonil vivido e escrito o seu livro cento e vinte anos e meio mais tarde, já certamente atribuiria a primazia da "cultura e opulência do Brasil" á planta do café e não á das canas"na lavra do assucar dos engenhos reais moentes e correntes".

Êste primado, desde os princípios do século XIX, se assinála, cada vez mais absorvente e, até os nossos dias, continúa avassalador, imperioso.

Quando, em 1927, por entre estrondosas festas se celebrou o segundo centenário da introdução do cafeeiro no Brasil, via Belém do Pará, pediu-nos a Comissão Central organisadora do grande certame de S. Paulo um lema para as suas publicações e cartazes. Não hesitámos em lhe propôr estas três palavras que nos parecem traduzir a síntese econômica nacional hodierna: *Café esteio do Brasil: Coffea Brasiliae fulcrum.*

E tivemos a grande satisfação de ver tal ponto de vista imediatamente aceito *in totum* pelos nossos ilustres consultantes. Com efeito, que seria o Brasil, hoje, sem o café? onde iria procurar um sucedâneo no comércio universal, artigo de tamanha valia e volume para as suas operações internacionais, no conjunto dos negocios mundiais? Que lhe daria pretexto para a obtenção das letras do câmbio indispensáveis a sua civilisação?

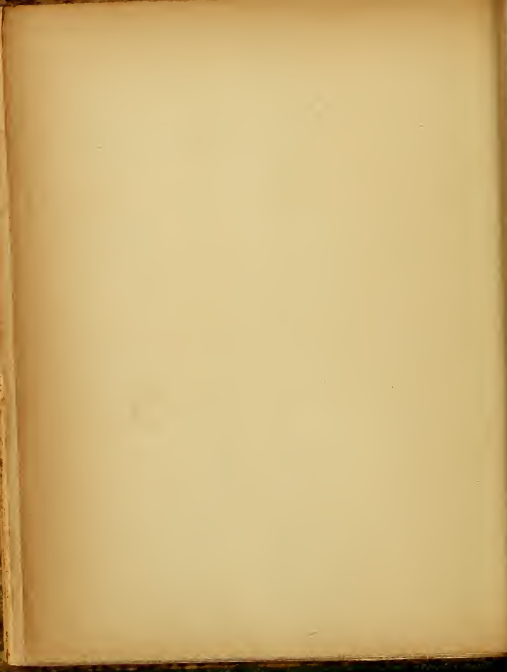
Sem o café seria o Brasil uma Angola ou pouco mais.

Assim como na segunda metade do século XVIII a fugacidade dos proventos do ouro trouxe o deslocamento da capital brasileira, da Baía para o Rio de Janeiro, enriquecido pelo comércio com as Minas Gerais, a cultura cafeeira provocou o opulentamento notável do centro do Brasil em relação ás demais zonas do país, a princípio na região fluminense e da "Mata" de Minas depois na de S. Paulo.

Assim, durante as primeiras décadas, de aclimação no Brasil, vivendo como em estado larvar, passou a lavoura cafeeira a assumir importância absolutamente notável, a partir, mais ou menos, de 1810. E o café faria o surto do novo Imperio como continúa a ser o esteio do Brasil republicano.

Este período inicial, de pequena importância, correspondera, em grande parte, á fase de adaptação dos paladares europeus á decocção do fruto torrado da *coffea arabica*, que esta se fez de modo relativamente lento.

Pelos primeiros anos do govêrno pessoal do Rei Sól aparecera esta beberagem, negra e nova. Por volta de 1660, o magnifico embaixador

A Fazenda da Barra em Campinas. (1840)
(Hercules Florence)

do Grão Turco, o faustoso Soliman Aga, a distribuia ás damas da Côrte, embeiçadas pelo exotismo dêsse pachá interessantissimo, recorda Brillat Savarin. Não é que na Europa já, em diversos pontos, se não conhecesse ainda tal licôr de que alguns holandeses traziam o hábito das suas colônias orientais.

O primeiro café público francês abriu-se, segundo parece, em Marselha e no ano de 1654, dizem-no as enciclopedias. Logo depois surgiam em Paris, a princípio na feira de Saint Germain, o do armenio Pascal, depois, no próprio centro da metrópole, o de outro armênio, Gregorio, e o do siciliano Procopio.

Multiplicaram-se tais estabelecimentos e lá por 1672 tamanho desenvolvimento tomaram o seu comércio e o gôsto pela bebida que provocaria de Mme. de Sevigné a celebre observação associando o nome do café e o de um dos maiores poetas, não só do Grande Século como de todos os tempos.

Êstes reparos, como todos sabem, visavam assumir ares de profecia "Passaria o gôsto pelo teatro de Racine, como pelo café", é aforismo reconhecido. A bem dizer não tinha a frase o vigor sintético do seu enunciado definitivo. O *Racine passera comme le café* é da redação de La Harpe, que associou dois trechos das cartas da famosa epistológrafa.

Em todo o caso, em 1676, anunciava a marquesa á filha que deixaria de beber café, lembrando-lhe que outros também haviam tomado tal deliberação. E terminava prevendo o abandono, dentro em breve, completo, da infusão do moka: *Vous voilá donc bien revenue du café Mlle. de Méri l'a aussi chassé. Aprés de telles disgraces peut-on compter sur la fortune?*

Assim o "cassandrismo" atribuido a Mme. de Sevigné, assaz abusivamente, por completo falhou quanto ao café, embora bem menos quanto a Racine, cujos *Récit de Théramene* e *Songe d'Athalie* continuam até certo ponto vivazes no entono da melopéia cansativa do Grande Século, a interessar as platéias dêsse teatro universal que é o da Comédie Française.

Lenta, mas seguramente, foi o café conquistando as preferências dos ocidentais, sobretudo em França. Se, em 1660, só havia em Paris o do siciliano Procopio, eram alí os cafés publicos nada menos de 900, por volta de 1790!

E já, nêste tempo, uma série de homens celebres fazia e havia feito a mais intensa propaganda da beberagem arábica.

Durante o século XVII são talvez seus maiores apologistas Harvey, o genial descobridor da circulação sanguinea e Fontenelle cujos cem anos de existência seriam o apregoamento das qualidades elixiricas da infusão negra. Apezar de sobrinho do grande Corneille, não esposara as idéias da admiradora arroubada do rival de Racine.

No século XVIII três nomes enormes encabeçam a lista dos fanáticos do café: Voltaire, Diderot e Frederico o Grande. Êles a cada momento o sorviam, e de modo excessivo.

Foi tal paixão do filósofo de Ferney que arrancara a outro poeta, tambem fanático do café, os versos desde muito celeberrimos:

=Il est une liqueur au poete plus chere
Qui manquàit a Virgile et qu'adorait Voltaire
C'est toi divin café dont l'aimable liqueur
Sans altérer la tête épanouit le coeur !

Com palavras, menos arroubadas mas sob uma fórmula muito mais energica, em sua síntese, apoiava ao poeta cordeal dos *Jardins* um cientista seu contemporâneo, o famoso fisiologista, autor da hipótese do "princípio vital", Paulo José Barthez, homem aliás rude e de penosa convivência. Com a habitual aspereza dizia do café palavras consagradoras excelsas dos seus meritos: esta bebida me desestupidifica! *Cette liqueur me debêtise!* Faz Delille—o Lucrecio moderno, como dêle lembra Hildebrando de Magalhães—jús a que a gratidão brasileira lhe erija uma estátua. E esta lhe virá, de tal estamos certos. Merece-a, não tanto quanto um Parmentier, mas a sua cafeifilia é a cada passo recordada pela repetição de seus versos tão gentis e inspirados, aliás.

Melhor não se poderia dizer do que isto:

A peine j'ai senti la vapeur odorante
Soudain ton climat la chaleur pénétrante
Reveille tous mes sens. Sans trouble, sans cahots
Mes pensers, plus nombreux, accourent a grand flôts
Mon idée était triste, aride, depouillée
Elle rit, elle sort, richement habillée
Et je crois du génie éprouvant le reveil
Boire, dans chaque goutte, un rayon de soleil.

Mais arroubado elogio, grato, gratissimo, aos brasileiros seria impossível conter-se sob a síntese destes alexandrinos.

E de quanto Barthez tinha razão, ao avançar a sua frase, reforça o fisiologista Dr. Chalrand que constatou a diminuição das demonstrações de cretinismo entre os papudos de certos cantões suissos, alpinos, desde que entre êstes portadores do bócio se introduziu o uso do café.

Lembremos ainda, entre os fanáticos celebres da decocção, o nome do romancista genial do *Eugenie Grandet*, que se intoxicava de cafeína e do autor ilustre da *Physiologie du Goût.*

Mas restrinjamo-nos ao escopo principal de nosso trabalho que é dar aos leitores do *Figaro Illustré* uma idéia de como se desenvolveu e propagou a lavoura cafeeira do Brasil.

Sucede ás plantas o que o gramático Terenciano Mauro particularisou para os livros: o *habent sua fata.*

Ninguem jamais imaginara que o *habitat* das espécies do gênero *coffea* viesse a ser, essencialmente, uma terra tão longínqua do seu berço arábico ou abexim. E que na distante América do Sul, em terras do Brasil, se viesse a descobrir que as condições mesológicas seriam as mais favoráveis, no Universo, para a extensão de uma cultura tão longe delas iniciada.

Verdade é que tarde se fez a associação do nome do Brasil ao das zonas produtoras da rubiácea. Já desde muito se habituara o mundo ocidental á bebida da infusão do Moka e ainda minusculo era o contingente brasileiro ao volume do comércio universal do grão arábico. Daí talvez a dificuldade com que se realisou tal aproximação.

II

Vejamos, porém, como nasceu e cresceu a lavoura cafeeira do Brasil. A ocorrência longa e faustosamente festejada, do segundo centenário da introdução do cafeeiro em nossa pátria, trouxe a ventilação intensa dos assuntos a êle atinentes, numa série de estudos monográficos e artigos geralmente compendiados numa edição, volumosa e preciosa, do *O Jornal*, do Rio de Janeiro, estampada a 15 de outubro de 1927.

Tem-se como incontestável que a Francisco de Mello Palheta, brasileiro, natural do Pará, oficial do exército português colonial do Brasil, onde atingiu o pôsto de sargento mór, o que equivaleria hoje a major, se deveu a transplantação do cafeeiro á terras brasileiras.

Era homem do mais real valor. Sua biografia como a de muitos dos seus contemporâneos, do Brasil colonial, encerra numerosas obscuridades e lacunas a que talvez remova melhor exploração dos arquívos.

Muito embora haja imorredouramente ligado o nome á história do café no Brasil outros titulos lhe assistem para que também figure com destaque no capítulo da descoberta do nosso território.

Filho de portugueses, nascido no Pará, provavelmente em Belém supõe-se que haja vindo ao mundo, nas imediações de 1670.

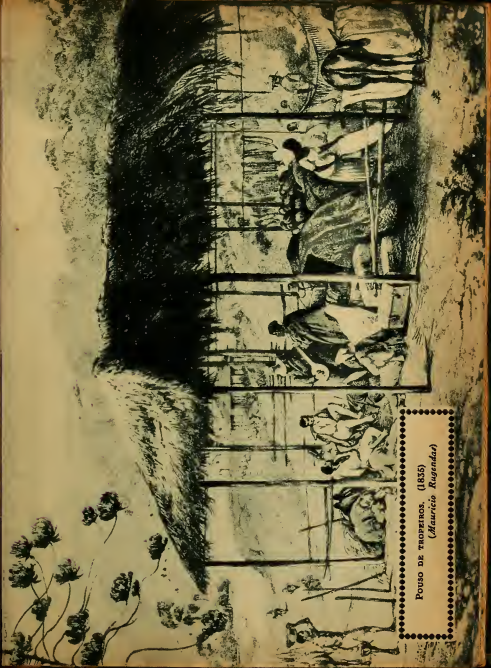
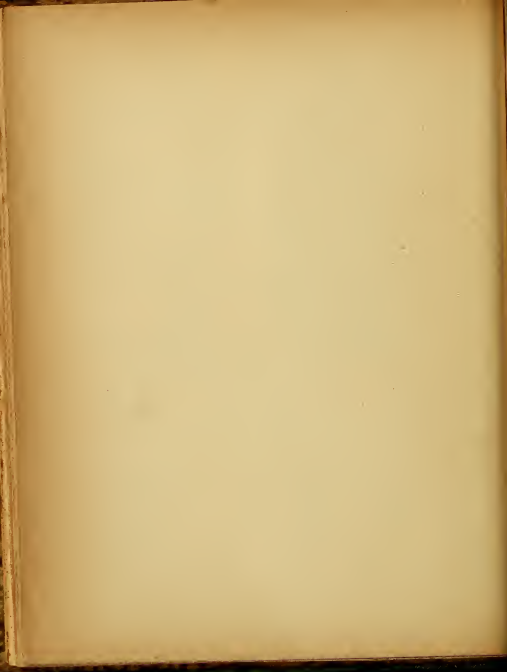
Tomou parte em diversas expedições de descoberta e policiamento nos grandes rios da Amazonia.

Assim sucedeu em 1691, quando obrigou o famoso jesuita Samuel Fritz, primeiro cartógrafo real da região do Rio Mar, a não invadir, com os seus catecumenos espanhois, as terras da corôa de Portugal. Esteve mais tarde no Tapajóz e depois segundo parece, visitou o coração do continente, na região de Cuiabá.

Mas o principal de seus feitos foi, certamente, a chefia da grande bandeira de exploração do mais volumoso, quiçá, dos afluentes do Amazonas, o Madeira, expedição realisada entre 11 de novembro de 1722 e 12 de setembro de 1723.

Tinha esta expedição o fim de explorar o enorme caudal até as suas nascentes e a área por êle então devassada foi realmente considerável.

Em princípios do século XVIII consolidara-se a situação da França na Guïana.

Sabe-se quanto a política colonial de Colbert visara levar a fronteira franceza á margem esquerda do Amazonas, incorporando á Guïana enorme área compreendida entre o Rio Mar, o Oiapoque o a Serra de Tumuque-Humaque.

Pouso de tropeiros. (1835)
(*Mauricio Rugendas*)

Pelo tratado de Utrecht, porém, desistira Luiz XIV da posse dêsses territórios.

Mas as autoridades de Caíena tentaram, repetidas vezes, exercer a autoridade sôbre os indios e os escassos colonos da antiga capitanía do Cabo Norte, limítrofe da Guïana, isto quando, entre os dois governos confrontantes, se estabelecera o *modus vivendi* de que ficaria inteiramente proïbido todo e qualquer intercâmbio entre as possessões das duas corôas.

Grave notícia ecoou no Pará, em 1726. Mandara o Governador da Guïana, o conde d'Orvilliers, derrubar o padrão balisador do litoral, que com as armas de Portugal se chantara na Montagne d'Argent, a oeste do cabo Orange. Assinalava as visinhanças da foz do Oiapoque ponto inicial da costa brasileira.

Ordenou então o Governador e Capitão General do Estado do Maranhão, João da Maya da Gama, a Francisco Palheta, que averiguasse do caso devendo partir logo para realisar tal sindicância.

Verificando-se a ausência do antigo marco, presentes á vistoria, em 13 de maio de 1727, um oficial e dois soldados francezes, de tal se lançou solene têrmo.

Resolveu Palheta ir a Caiena, para receber do Conde d'Orvilliers a resposta á carta-protesto que lhe escrevera Maya da Gama.

Foi então que se deu o episódio, mil vezes relatado, e em virtude do qual proveio a introdução do cafeeiro no Brasil.

Conta-se que Palheta, no palácio do governador de Guaïna, tomou café, achando tal bebida deliciosa. Em arroubado tom lamentou que nas terras americanas de Portugal não houvesse a planta de que procedia infusão tão grata ao paladar quanto aquela.

Imenso estimaria introduzi-la no Brasil! Mas a tanto se opunha a severissima proïbição do intercâmbio comercial das possessões luso-francezas.

Ao ouvi-lo, relata Basilio de Magalhães, em sua douta monografia, *Quem foi Francisco de Mello Palheta, o introdutor do cafeeiro no Brasil*, a discutir a verosimilhança da tradição, "a condessa d'Orvilliers com a galantaria peculiar das francezas de bom tom, lhe meteu num dos bolsos da casaca, á vista do marido sorridente, alí ou alhures, um punhado de grãos de café, dizendo-lhe, talvez, que, com os mesmos, poderia renovar em casa, quando regressasse a Belém, o prazer que muito experimentara com a deliciosa beberagem".

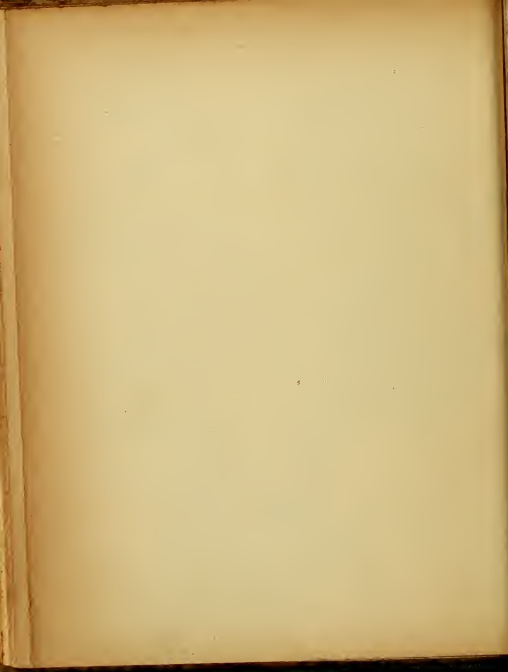
Esta versão aliás tem, em seu apôio, um depoimento episcopal, o do bispo do Pará, Fr. João de S. José Queiroz, que particularisou os pormenores: a gentileza da Condessa se realisára durante um passeio a um cafezal "onde ela, para acudir ao desejo que via luzir nos olhos do militar paraense, apanhara bom punhado de rubras cerejas da rubiácea e lhes metera num bolso da casaca ante o sorriso condescendente do marido".

Até aí a lenda poética. Parece porém fóra de dúvida que Palheta adquiriu em Caiena não só cinco mudas vivazes do cafeeiro, como ainda

trouxe mais de mil grãos capazes de germinar, como mais tarde informaria a Dom João V, em 1733, a alegar os serviços prestados á sua corôa.

Nêste documento relata que tal era o seu empenho pela propagação da cultura do café que apenas de volta, distribuira sementes aos vereadores da câmara de Belém. Certo português por nome Agostinho Domingos, chegou a ter em sua chacara pequeno cafezal. E êle próprio Palheta se dedicou á cultura com afinco pois ao Rei relatou possuir em seu pomar mais de mil árvores produzindo.

O desembargador Castello Branco e as mudas de café que elle transportou do Pará ao Rio de Janeiro. (1760)

(*A. Norfini*)

III

De Pará não tardaria o cafeeiro a ser transplantado ao Maranhão. Se os brasileiros se habituassem a tomar café, desde que Palheta o introduziu no Pará, como faziam os hispano-americanos do Prata e do Paraguai com o mate, certamente não teriamos hoje o ensejo de nos referir ao longo período quasi secular, em que não vemos a rubiácea interessar aos lavradores do nosso país.

No Pará, no Maranhão, limitou-se a cultura ás escassas chácaras em que era produzido, em muito pequena escala.

Não lhe era o *habitat* favorável, aliás, precisando viver abrigado á sombra das grandes arvores, para poder produzir, e ameaçado pelas molestias criptogâmicas numerosas existentes, e sem o recurso dos terrenos das terras altas como sucede na Venezuela e na Colombia.

Daí o estiolamento de sua indústria, apezar de acoroçoada pelo decreto régio de 1761, que o isentava das taxas alfandegárias, em todas as conquistas portuguesas.

Mais ou menos, pelas imediações de 1760, ocorreria a circunstância mais notável da história do café, quer no Brasil quer no mundo, circunstância de incalculáveis consequências para o nosso país e o comércio universal: a transplantação do cafeeiro da Amazônia ao Rio de Janeiro.

Foi o seu autor o Chanceller da Relação Fluminense, Desembargador João Alberto de Castelo Branco, que uns autores dizem português e outros, brasileiro. Exercera a judicatura no Pará e fôra transferido para o Rio de Janeiro. Alí se habituara a tomar café e assim pensou em aclimar a rubiácea na séde de suas novas funções.

Há bastante obscuridade, aliás, ácêrca dêstes primórdios e a lenda que invariavelmente recobre os fatos históricos, atribue á travessia dos cafeeiros paraenses a Rio, episódio similar que se refere de outros casos de disseminação de vegetais como a famosa historieta do cedro do Libano do Jardim das Plantas.

Assim se conta que Castello Branco, viajando para o Sul, viu o seu navio, em alto mar, imobilisado por uma calmaria, que durou longamente e obrigou o comandante do navio a estabelecer severo racionamento de agua potável para a sua tripulação e passageiros. Pois bem, receioso de que os pequeninos cafeeiros viessem a fenecer levou a dedicação ao ponto de sofrer sêde, afim de salvar as queridas plantinhas, anedota de que a pintura histórica brasileira já relembrou pelo quadro de Norfini.

Há provavelmente aí a adaptação ao Brasil do célebre caso de Gabriel de Clieu, aliás pertencente á história do café e de cantado em prosa e verso

Nascido em 1686 e capitão de infantaria da guarnição de Martinica, assistiu de Clieu ao terrível ciclone que arruinou os cacauais da ilha. Voltando de França trouxe uma mudinha de café, obtida no Jardim das Plantas. Com ela dividiu a ração da agua durante a intermina travessia em que quasi pereceram de sêde os passageiros do seu navio. Se o cafeeirosinho não feneceu foi isto devido á dedicação de seu transportador.

E' o que descreve em inflamados alexandrinos um poeta hoje bem esquecido. Era êle Esmenard, versejador aliás habil e harmonioso, em seu *Poeme de la navigation* publicado em 1805. Outróra, entre os contemporâneos, suas viagens e ainda os escandalos da vida agitada lhe deram muito nome.

Vejamos o que canta êste amigo de Marmontel, discipulo imitador de Delille, a quem faltavam aliás, elevado estro e o entusiasmo, no dizer dos criticos.

Sur son léger voiseau
Voyageait de Moka le timide arbrisseau
Le flôt tombe sondain Zephyr n'a plus d'haleine
Sous les feux de Cancer l'eau pure, de fontaine ,
S'épuise et du besoin l'inexorable loi
Du peu qui reste encore a mesuré l'emploi
Chacun craint d'éprouver les tourments de Tantale
De Clieu seul les défie et d'une soif fatale
Étouffant tous les jours la dévorante ardeur
Tandis qu'un ciel d'airain s'enflaime de splendeur
De l'humide élément qu'il refuse a sa vie
Goutte a goutte il nourrit une plante chérie...

Não há ainda, ao que saibamos, nas letras poéticas brasileiras quem tenha consagrado os arroubos do estro a consagrar o sacrifício similar ao de Clieu, que se impoz o Desembargador João Alberto.

IV

Deu-se, segundo parece, em 1760, a chegada das mudas do Chanceler Castello Branco ao Rio de Janeiro.

Pretendem alguns autores que o primeiro cultivador da rubiácea em terras fluminenses foi o holandês João Hoppmann, dono da grande chácara de Mata-Porcos então nos suburbios do Rio.

Dizem outros que êsses pioneiros da cafeícultura foram os capuchinhos italianos, ou Barbonos, em sua chácara, hoje desaparecida pois corresponde a uma parte do coração da cidade.

O ilustre botânico Freire Alemão perfilha esta versão. Documentou-a, contando que a plantação dos capuchinhos foi de 1762 e a de Hoppmann de 1770 e realisada a instâncias do Vice Rei Marquez do Lavradio.

Em 1782 o Conego Januario Barbosa conheceu duas árvores da primitiva plantação dos capuchinhos, testemunhou-o quarenta anos mais tarde.

Seja como fôr, lenta se mostrou a propagação do café na região do Rio de Janeiro.

No relatório de viagem circunavegatória de Cook se exproba, em 1768, aos fluminenses fazerem vir de Lisboa o café e o chocolate que tanto, contudo, podiam ser produzidos em suas terras.

Muito lentamente pois alargou-se a área da disseminação do cafeeiro no seculo XVIII. E seu núcleo inicial foi a cidade do Rio de Janeiro.

Várias das maiores autoridades de colônia envidaram esforços para promover tal progresso como por exemplo o Marquês de Lavradio e o bispo Mascarenhas Castello Branco, que, com grande encarecimento, distribuiu sementes de sua fazenda do Capão a diversos, entre outros, a dois agricultores do interior, os padres Couto e Lopes.

Parece quasi certo que a êste segundo sacerdote, Antonio do Couto da Fonseca, antigo lavrador de cana e anil, se deve a abertura da primeira fazenda de café do Brasil, digna dêste nome, em Mendanha, na freguezia de Campo Grande, a uns trinta quilometros, se tanto, da cidade do Rio de Janeiro e localidade hoje do Distrito Federal.

Dessa fazenda do Mendanha houve larga distribuição de sementes para a capitanía do Rio de Janeiro, sobretudo para Rezende, d'aí irradiou para Arêias. Do Capão sairam as sementes para a fazenda do padre Lopes em S. Gonçalo, de outro lado da baía do Rio de Janeiro, conta Freire Alemão.

Curioso é que depois de grande dispêndio com a sua lavoura haja o padre Fonseca, homem inteligentissimo, ilustrado e progressista, abandonado o café para voltar á cana. Era aliás um tanto versatil, ao que se diz.

Do Capão e depois da Mendanha se disseminaria o imenso cafezal que acabou alastrando-se pelo Brasil central.

As montanhas da contiguidade do Rio de Janeiro perderam dentro em breve a sua vestimenta florestal e o café se propagou pelas suas encostas com notável presteza. Mas muito pequena ainda era a sua produção. Não remunerava bastante, sobretudo, por causa das taxas de exportação.

Não havia ainda lavouras propriamente ditas, apenas plantações de pequenos pomares. Possuiam numerosas chácaras algumas centenas de árvores dando produção aliás escassa e nada mais.

A exportação só avultou, aliás, quando o cafeeiro começou a ocupar as áreas florestais do planalto.

V

Acentuou um escritor a circunstância de que a transplantação da Côrte portuguesa no Rio de Janeiro foi um incentivo á cultura cafeeira. Com D. João VI fugido ás hostes napoleônicas vieram como se sabe, entre milhares de pessoas, muitos nobres sem recursos. E o monárca então Principe Regente ainda para lhes valer e remediar á situação precária, distribuiu largamente sesmarias na região então semi-desertas entre o litoral, o Paraíba e a fronteira de Minas Gerais, dádiva aliás naquela época de relativo valor. Mas dentro em poucos anos nasceria o *rush* cafeeiro e d'aí a enorme valorisação de tais terras. Muitos dêstes fidalgos e outras pessoas distintas, portugueses e brasileiros, beneficiaram, e muito largamente, de tal medida.

Nestas condições se cita por exemplo o coronel José Ignacio Nogueira da Gama que chegou a receber 14 sesmarias o que lhe permitiu aquinhoar fartamente a grande descendência.

Contou o Conde de Baependy, senador do Imperio, e sobrinho dêste latifundiário, a um autor, Eloy de Andrade, certo fato curioso. Em 1817, recebeu D. João VI abundantes sementes de cafeeiro, remetidas de Moçambique. Chamou a palácio os grandes proprietários de terras e com o seu ar bonacheirão, mas apezar de tudo magestático, próprio daqueles anos, "em que dois joelhos em terra se deviam a Deus e um a El Rei" convidou-nos, quasi intimativamente a plantar café e na maior escala possível.

Distribuiu-lhes as sementes aos pacotes, recomendando-lhes que fizessem viveiros, em seus pomares, para depois transplanta-los ás lavouras.

Afirmou ainda o mesmo Conde de Baependy, homem de alta respeitabilidade, que a Dom João VI devia a nossa agricultura o ensinamento do plantío de cafeeiro em viveiros.

Entre êstes aconselhados estivera exatamente seu tio o coronel Nogueira da Gama.

Tão a risca seguira êste a advertência real que começara a fazer canteiros na sua grande fazenda de S. Matheus em Juiz de Fóra e com a prática dêsses viveiros obtivera excelente resultado chegando a ter, vinte e dois anos mais tarde, um cafezal com cerca de quatrocentos mil árvores todas provenientes de seu ensaio.

Relata o mesmo autor acima citado as cenas de violência que acompanhavam a tomada de posse das terras da concessão régia; onde moradores campônios se haviam estabelecido como em legítima *no man's land.*

Obtida a concessão da sesmaria, o proprietário esbarrava nas divisas com um posseiro, que alí chegara, e assenhoreava-se da aguada. Êle era só e a família; mas, cria na posse, no trabalho de ter desbravado aquela parte da Mata. Enganava-se. O proprietário da sesmaria vinha companhado de derribadores, roçadores, camaradas. Intimava-o então a sair dalí a mudar-se.

Compreende-se que o posseiro resistia e desde então era considerado inimigo.

Passavam-se tempos. Uma noite, na época das roças, os milharaes pendoando, animais apareciam nelas pastando!

Cercas tinham sido quebradas durante a noite. Os desgraçados, na sua ingenuidade, na candura de sua boa fé, iam-se queixar, iam reclamar.

Eram bem recebidos, prometiam-lhes providências, mas dias depois reproduzia-se a mesma cena. Eram as roças agora devastadas em maior escala. Desesperado, cançado da violência que agora enxergava proposital, a vítima da prepotência matava um dos animais. E' o que se que ria. Agora, as roças serviam de pasto. O posseiro tinha de mudar-se.

Aconteceu algumas vezes, ser êle homem de recursos ou de sangue á guelra. Cenas lamentáveis, crimes inauditos, ocorreram por causa destas evicções crueis.

Mas assim sucede sempre e sucederá em toda a terra virgem onde se faça o primeiro povoamento.

Aos homens de singular energia cabia a obra de desbravamento e esta era a mais rude. Os fundadores das dinastias de grandes proprietários rurais principiavam por atender ás instigações de ordem legal.

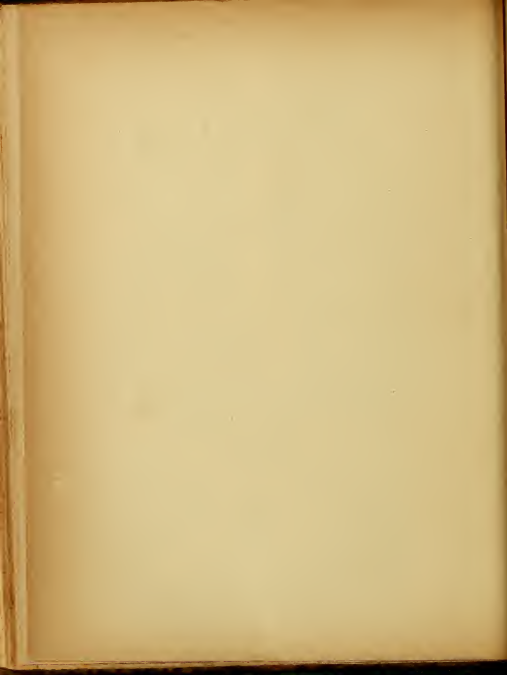
Escreve Eloy de Andrade singela e sugestivamente a referir as impressões colhidas dos filhos dos primeiros plantadores de café,

"Demarcada a sesmaria, percorriam seus donos a mata virgem, procurando o centro da futura fazenda. Tinham preferência as margens dos rios, e em sua falta, as margens dos ribeirões. Derribavam-se 20, 30 alqueires no ponto escolhido e a mata derribada era entregue ao fogo.

Esperava-se agosto. A queimada aplacada pelas primeiras chuvas da primavera, começavam-se as primeiras obras.

Principiava pela construção de grande rancho, coberto de sapé. A vida alegre que levavam os desbravadores fazia esquecer os contratempos que surgiam a cada passo, o desconforto que sofriam.

Foram crueis os primeiros anos, ouvi, muitas vezes, dizer aos ultimos sobreviventes; dias de contrariedades, molestias, estiagens prolongadas alternando, com inundações, a morte de alguns dos melhores escravos, a fuga de outros. Só a resignação, a inalterável doçura, a meiguice da esposa, da corajosa companheira podia nos confortar. Sempre alheia, confessavam, a todas as violências que o domínio da terra e a certeza da impunidade tornavam frequentes, ela trabalhava, á moda castelã da Idade Média, presidindo o lar, providenciando para nada faltar ao trabalhador, creando certo bem estar ao marido e filhos, quebrando as arestas daquela vida agreste".

Derrubada da matta virgem em Campinas para plantação de café. (1840)
Fazenda da Cachoeira — (Hercules Florence)

"Fato extravagante: as menos cultas foram as melhores colaboradoras da grandeza do latifundiário. Em falta de engenho, davam o amoroso coração, perdoando infidelidades, atribuiam a impulsos irresistíveis de natureza mórbida, esqueciam totalmente, não empregando nunca essas alusões indiretas que envenenavam a vida do casal".

Alguns anos depois começavam os já triunfadores a plantar o grande pomar, povoado de todas as frutas que as tropas traziam em pequenas mudas da Estrela, do Iguassú, do Rio de Janeiro. A horta era imensa, fornecendo verduras para todos, família, escravos, agregados. O hortelão era sempre um português tendo pretos velhos como ajudantes".

No comêço do século, até 1838, predominava por toda a Província do Rio de Janeiro a cultura da cana de assucar.

Na época da moagem era uma verdadeira festa. Reinava a alegria, embora o fogo das caldeiras não se apagasse nunca, obrigando os escravos a constantes vigílias.

Quando terminava, lançava-se fogo aos canaviais em dias que ameaçasse chuva. Dias depois, o canavial rebentava, enquanto os morros visinhos vestidos de soberbos cafezais cobriam-se de branco lençol das flores do cafeeiro. Um perfume estonteante embriagava o lavrador. E' que ao odor da flor do cafeeiro casava-se o perfume da flor da laranjeira e do limoeiro.

A vida agrícola corria assim tranquila. Os roçadores da mata de 1830 dez anos mais tarde estavam ricos, vinte anos opulentos senhores de propriedades com enormes benfeitorias, casas colossais, escravatura numerosa. Nada compravam a não ser o sal e ferro! gabavam-se êstes landlords. Davam as colheitas ótimos lucros.

VI

Ninguem sabe ao certo quem haja introduzido o cafeeiro nas terras onde mais tarde se daria o apogeu de sua lavoura, nas de São Paulo.

Em fins do século XVIII havia exportação do fruto da rubiácea por Santos, mas insignificante.

Em 1782 um magistrado, Marcelino Cleto, aconselhava aos agricultores paulistas o plantío do arbusto arábico.

Já em 1794 se sabe que havia nos arredores da cidade de S. Paulo pequena plantação de café; a da chácara do Marechal Arouche, que aliás, já em 1788, assignalava em seus escrítos a existência do cafeeiro em terras paulistas.

Pensa um autor paulista, competente conhecedor da matéria, Persio Pacheco e Silva, com excelentes argumentos, que as primeiras plantações, em território de serra acima, seriam as de Arêias, pelos anos de 1790, de onde a cultura alastraria por todo o Norte de São Paulo.

Mas nos é impossível dizer de quando datam as plantações do litoral, sobretudo as de Ubatuva e São Sebastião, contemporâneas das de Areias.

Em 1797 levava um navio partido de Santos perto de cem sacos, para Lisboa. E havia, então, pequenos núcleos cafeeiros em diversos pontos da costa.

Em 1803 notava-se a irradiação dos càfezais, embora limitada, para o centro oéste de S. Paulo, segundo conta Martim Francisco de Andrada. Aumentavam em direção a Parnaíba e Itú.

Em 1802 o capitão general Antonio M. de Melo escrevia que a navegação de Santos para o Reino estava fadada a aumento, com a intensificação da cultura do café.

E, realmente, se, em 1801, fôra esta exportação de 34 sacas em 1807 subia ela a 316.

Escreveu o distinto botânico Corrêa de Mello que ao findar o século XVIII o sargento mór Raymundo dos Santos Prado plantava alguns cafeeiros no seu quintal de Jundiaí, de sementes que lhe dera o Capitão General Antonio M. de Melo.

Em 1807, conta ainda Corrêa de Mello, formou em Campinas o tenente Antonio Francisco de Andrade pequena plantação de cafeeiros. Mas esta fazendola êle abandonou por se ter entregue á vida militar.

Em 1817, Francisco de Paula Camargo, indo ao Rio de Janeiro assistir ás festas do casamento do futuro D. Pedro I, foi incitado pelo Conde dos Arcos a que plantasse café em Campinas.

Assim o fez, mas mal orientado, como aliás seu parente Barreto de Camargo, poucos resultados auferiu.

No dizer ainda de Corrêa de Mello o verdadeiro fundador da lavoura campineira, núcleo das enormes plantações do Oéste paulista, foi Francisco de Souza Aranha, genro de Barreto de Camargo. De 1835 em deante tomara a plantação enorme incremento sob a instigação constante do cirurgião mór Alvares Machado, homem de bela inteligência. Já em 1843 eram as colheitas avultadas alí.

Daria isto enorme prosperidade á região, aliás de terras fertilissimas, provocando o crescimento notável da cidade que chegou a pretender tão legítima rivalidade com a capital da província.

VII

Mas o grande surto paulista se verificaria muito mais tarde. Por enquanto era o Rio de Janeiro a verdadeira, a única capital da área entregue á nova cultura do Brasil.

E em 1822, tão importante que se imporia á atenção dos heraldistas franceses incumbidos da confecção dos brazões do novo império, recenlibertado da dominação portuguesa, a 7 de setembro daquele milesimo, pelo Principe D. Pedro, primeiro soberano da nova nação.

Também notemos que em 1820 haviam saído pelo porto do Rio de Janeiro 97.500 sacas de café.

Fato interessante é o seguinte: entre os primeiros lavradores de café dos arredores do Rio de Janeiro contavam-se vários franceses de destaque. Entre êles alguns emigrados, devido aos acontecimentos da Grande Revolução, como a Condessa de Roquefeuille, a baroneza de Rouan, o principe de Scey-Montebeliard, o conde de Gestas e o membro do Instituto de França, Nicolau Antonio Taunay, um dos fundadores da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, que na sua propriedade da Cascatinha possuia pequeno cafezal cuja colheita serviria de assunto para uma das estampas do livro celebre de Mauricio Rugendas.

Ainda nestas condições estavam o Conde de Beaurepaire em Sete Pontes, nas vizinhanças de Niterói, e seu irmão o Almirante Theodoro de Beaurepaire, em sua quinta do Engenho Novo.

Mas logo se viu quanto eram mais apropriadas á cultura do café as terras altas, com algumas centenas de metros sobre o nível do Atlântico, e assim começou verdadeiro *rush* para os vales da zona acidentada da província do Rio de Janeiro, cujas aguas pertencem ao vale do Paraíba.

De 1820 a 1830 passava a exportação pelo porto do Rio de Janeiro de 97.500 sacas a 391.585! Já imenso se alargara pois, a área florestal desbravada para dar lugar as plantações da rubiácea.

Era do café que resultava a entrega aos civilisados de larga faixa florestada entre o litoral e os núcleos de população em Minas Gerais.

Ao se encetar o segundo quartel do século XIX dava-se a seguinte e curiosa anomalia. Entre a cidade do Rio de Janeiro e a fronteira da capitanía das Minas Gerais apenas havia verdadeiras veredas, de penoso vencimento, para cavaleiros e tropas de mulas de cangalha, cortando enorme floresta, de um e outro lado, floresta onde ainda viviam tribus de indios por vezes numerosas. E isto por legoas e legoas. De distância em distância existiam miseraveis arraiais onde as caravanas de tropeiros encontravam o mais modesto pouso. Atravessando o Paraíba reapare-

ciam as povoações civilisadas das Minas Gerais os arraiais diversos do Caminho Novo e afinal as vilas do centro mineiro, antigos núcleos de mineração.

Esta solução de continuidade da civilisação quem a removeu foi o café. Descobriu-se que estas terras, deixadas em mata, eram prodigiosamente ferazes e nelas a rubiácea admiravelmente vicejava.

E assim, dentro em breve, os grandes madeiros de suas encostas íngremes, onde abundavam as mais finas essências, tombavam sob o machado dos derrubadores de mata.

Multiplicavam-se os cafezais cujos lucros avultavam imenso. E como consequência dessa faina do alargamento das plantações veio infelizmente o reverso negro da medalha: a recrudescência do tráfico de escravos africanos, cada vez mais solicitados pelo clamor das exigências dos lavradores e dos abridores de fazendas novas.

Viajando de S. Paulo ao Rio de Janeiro, em 1822, pôde o grande botânico Augusto de Saint Hilaire, notar a azáfama intensa que ia pela zona intermediária ás duas cidades.

No Norte de S. Paulo ainda eram pequenos os cafezais de Cachoeira, Taubaté, Guaratinguetá. Mas já em Jacareí se plantava em larga escala. Em Taubaté todos abandonavam a cana de assucar voltando-se para a lavoura nova.

De Lorena, em direção ao Rio de Janeiro, já começavam a aparecer os fazendeiros ricos, de café. Viçavam as arvores e atingiam pleno vigor aos quatro anos, dando então cerca de dois quilos por pé.

Era a cultura do café muito recente mas já enriquecera muita gente, relata o naturalista, atraindo muitos imigrantes europeus e entre êles vários franceses.

Perto de Rezende já se encontravam fazendas de 80 a 100 mil árvores. E as lavouras se organisavam sob a inspiração dos conselhos de uma agronomia incipiente e regrista. Pelo preço do gênero deviam os fazendeiros realisar lucros enormes.

Geralmente eram indivíduos de cultura rudimentar. Ainda não construiam boas moradias nem mobilavam bem os casebres em que moravam.

Era-lhes a mesa a mais parca e o vestuário o mais singelo; mantinham-se inteiramente alheios aos prazeres da convivência.

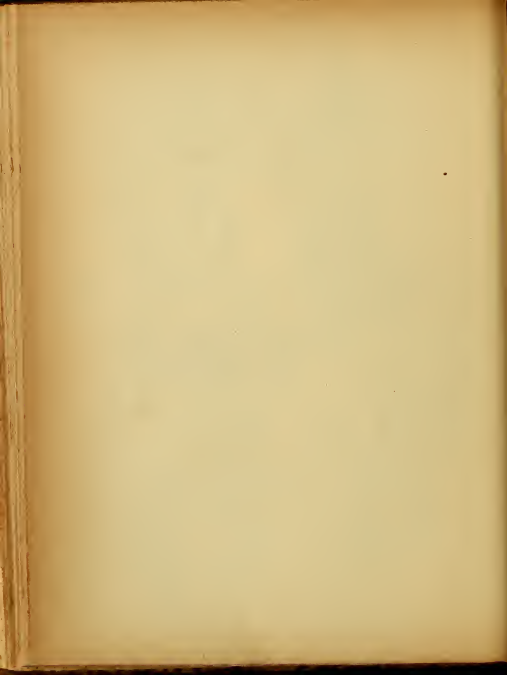
Que emprêgo dariam, pois, aos grandes lucros?

"E' comprando escravos que gastam toda a renda e o aumento de fortuna se presta muito mais para lhes satisfazer a vaidade de que para lhes aumentar o confôrto, conta-nos o sabio. Vê-se que não têm luxo em suas casas nada lhes documentando a riqueza. Mas é impossível que não se saiba na zona quantos negros possuem e quantos pés de café, pois não se consegue ter café senão por meio da posse dos negros. Assim êstes homens satisfazem as instigações íntimas e vivem contentes conquanto não difiram realmente sinão pela vangloria da fama, dos pobres que vegetam á pequena distância de suas casas".

Cada vez mais café pôde Saint Hilaire vêr a medida que se aproximava do Rio de Janeiro, entre Bananal, que progredia imenso e São João Marcos. Encontrou mesmo pelo percurso um fazendeiro "imensa mente rico".

E assim esta emulação febril trouxe para o Vale do Paraíba numerosos lavradores e capitalistas, a maioria dos quais mineiros, que se puzeram a derrubar a mata com o maior açodamento.

Eram em geral gente de boas famílias, de antigos mineradores do ouro, descendentes dos paulistas passados a Minas Gerais. Procediam dos primeiros povoadores do Sul do Brasil, típos de *gentlemen farmers* e de *squatters*, pioneiros da civilisação por intermédio da lavoura cafeeira.

Pouso de Juquery em S. Paulo. (1826)
(*Hercules Florence*)

VIII

Assim as cidades de lavradores começaram a surgir, a prosperar, num ambiente semi-bárbaro de terra nova. Vassouras, o mais notável dêstes núcleos, Valença, Paraíba do Sul, Barra Mansa, Cantagalo, Rezende, S. Fidelis, surgiram do sólo com o seu casario vultoso, o seu comércio e o seu fôro animadissimos.

O alvéo do grande caudal que é o Paraíba foi como que a diretriz da lavoura cafeeira, para montante e para jusante, por uma extensão de centenas e centenas de quilometros de Guararema e Jacareí a Cambucí e S. Fidelis.

Vieram depois como que as irradiações secundárias ao longo dos afluentes, desse rio principal, como no caso dos vales do Turvo, Paraïbuna e seu afluente o Rio Preto, Piraí, Pomba, Muriaé, Piabanha, Paquequer, Dois Rios.

Atravessando o Paraíba era agora na zona da Mata de Minas que as florestas caíam sob os machados dos cafezistas. E á sua passagem em 1840 pela região ficou Gardner, o ilustre botânico inglês, horrorisado vendo a devastação daquela floresta magnifica e secular a que devia substituir o cafezal. Já em 1842 produzia Minas Gerais dezenas de milhares de sacas.

Mas por aqueles anos nenhum distríto cafeeiro pedia disputar a primazia a Vassouras, verdadeira capital agrícola cafeeira do Brasil.

Edificada numa época, em que ninguem cogitava do que pudesse ser o urbanismo, e colocada numa topografia bem pouco adaptável ao estabelecimento de um plano regular de cidade, nem por isto veiu Vassouras a sofrer do atrazo dos tempos e das condições do terreno em que assenta, linda paisagem, risonha quanto possível.

Conta com uma linda e enorme praça, meia duzia de extensas ruas largas e bem lançadas. Não lhe fôra possível, e felizmente, ter estabelecido o enxadrezado.

Em poucos anos trouxe-lhe a prosperidade a posse de muitos edifícios dignos de demorada atenção, como o belo paço municipal, e a bela matriz, além de numerosas casas nobres de particulares. Não vem certamente a ser uma cidade de arte; nem ninguem quererá apregoá-la como a Chester ou a Nuremberg brasileira. As cidades mineiras como Ouro Preto, Diamantina, Mariana, S. João d'El Rey ocupam sob êste ponto de vista indestronável situação, sobretudo a primeira. Mas Vassouras é típica. E' bem o que é, tem um fácies perfeitamente definido, traduz uma fase de suma importância muito característica da vida brasileira

sob o segundo império, nessa época que, como quasi tudo em nosso país, está para ser convenientemente estudada. E deve sê-lo com grande atenção, porque, é rica de aspectos sociológicos interessantissimos.

Vassouras, muito mais do que as suas vizinhas Valença, Paraíba do Sul, Piraí, Barra Mansa, Rezende, etc. teve importância e representou saliente papel nessa idade áurea do vale do Paraíba na era em que o "Brasil era o Vale", como se dizia. E a prova de tal está na superioridade de suas edificações antigas sôbre as de qualquer de suas visinhas e rivais de antanho.

Foi uma verdadeira capit al do café, pelos anos de 1850, e o seu nome se estendia ao país todo.

Nas terras acidentadissimas do seu município haviam vindo abaixo as riquesas das florestas seculares, destruidas pelo fogo com enorme rapidez afim de fazerem espaço ás filas regulares do cafezal.

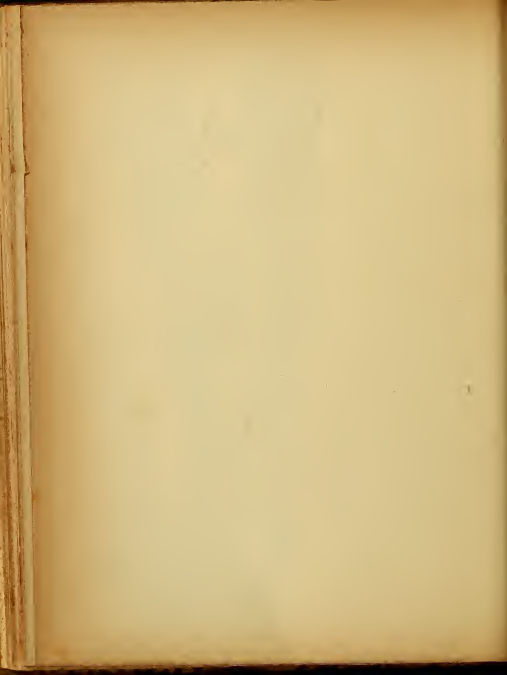
Ao auge atingira "coffeae sacra fames". Exigira a intensificação do tráfico negro; não havia braços que chegassem!

As notícias dos proventos imensos da lavoura nova da rubiácea em terra fresca, virgem, desvairavam as imaginações. Verdadeiros "rushes" de mineiros deixavam suas terras centrais, pastoris e mediocremente ricas, para os tratos ubertosos do vale paraïbano.

A distribuição das terras fluminenses por meio do recorte das sesmarias obedeceu, frequentemente, a característicos do espírito do clan.

Homens de irmandades energicas vieram afazendar-se ao mesmo tempo nas terras novas do café de modo que de um mesmo tronco vários ramos se esgalhavam viçosos sob o ponto de vista financeiro creando uma aristocracia rural muito interessante, subordinada ao espírito depois chamado *"mentalidade fazendeira"*. Velho no país desde os anos do assucar refinou-se com a lavoura do café devido aos seus lucros muito mais elevados e policiou-se pelo fato de persistir num tempo em que a colônia se transformara em Império e havia, na vizinhança das lavouras, uma côrte, modesta, mas nem por isto despida de alguma etiqueta magestática, pela sua legítima procedência de outra européia e multi-secular.

Dentro em poucos anos multiplicaram-se, pois, prodigiosamente as grandes fazendas e as grandes escravaturas. Criaram-se em dois decênios numerosas famílias de fazendeiros prosperando notavelmente. Os landlords fluminenses principiaram a encher os registros nobiliárquicos recentes do Império com os seus titulos conferidos pelo número de arrobas colhidas; começavam numerosos os comendadores e dignatários das ordens de cavalaria brasileiras e portuguezas, e logo depois surgiram em filas cerradas os barões e os viscondes, menos abundantes os condes e marquezes.

A Fazenda da Soledade em 1840—Campinas
Pertencia ao autor do desenho
(Hercules Florence)

IX

De 1860 a 1870 chegaria a seu máximo esplendor a lavoura fluminense toda ela assente no braço escravo e já se valendo da facilidade dos incipientes transportes ferro-viários ou de rodagem da União e Indústria.

Vendo a prosperidade entrar-lhe pela porta, o lavrador fluminense tornou-se exigente. Quiz luxo, melhor passadio, palacete na côrte do Império e carruagem; essa aristocracia rural em que numerosos titulares figuravam no nobiliário do novo Império.

O grande fazendeiro abridor de lavouras sustentava toda aquela terra, e ainda mandava os filhos, parentes e afilhados e protegidos de toda a espécie ás faculdades de ensino superior.

A lavoura do café civilisava o segundo Império.

Os habitos castelões se aprimoravam. Enormes prédios solarengos e rústicos se ergueram nas fazendas; numa como emulação de grandiosidade dos proprietários. E nêles havia a mais pródiga das hospitalidades a parentes e amigos e a desconhecidos, continuos bródios de janeiro a dezembro.

Criou-se verdadeiro patriciado do café, famílias inteiras, numerosas, uniformemente abastadas, apareceram, dentro de quem se destacavam como chefes de clan, milionários legitimos.

Apontava-se a opulência dos seus membros, o florescimento de suas lavouras, e o vulto de seus rebanhos de servos.

A' medida que os anos se passavam, nelas os titulares se fizeram numerosos. Algumas houve em que os novos nobres do Império surgiram em barda. Mas não lhes faltava, absolutamente o fácies fidalgo, convém lembrá-lo. Seriam frequentemente incultos os agraciados. Mas raros não teriam a distinção inata e considerável do "gentlemen fermer". A muitas dêstes rebentos de um patriciado recente se impunham os caracteristicos dos homens de mando que tornam os indivíduos "racés", como exprime o feliz adjectivo francês, cujo correspondente não existe em nossa lingua.

Homens e mulheres havia, e muitos, incontestavelmente, "racés" em alto gráu, nestas famílias fluminenses, nascidos dos desbravadores, cheios de energia e tenacidade, duros para com os escravos, ricos no fim da vida, titulares, condecorados, vendo em torno de si abrahamicas proles das quais, infelizmente, a poucos epigonos se transmitiam as fortes qualidades ancestrais, desfibradas que as tornara o contacto com a fartura e a vilesa da instituição servil.

Com reflexo do engrandecimento rápido da região cresciam as cidades cafezistas, nascidas da arte rudimentar dos mestres de obras portuguezes. Edificaram-se os vastos, achamboados e pesados sobradões, paços da recente nobreza territorial, cheios de enormes salões e minusculas alcôvas, alicerçados em mucenicas muralhas de pedra, travejados e cobertos pelas enormes madeiras da floresta primitiva. Linhas imensas escoravam as colosais tesouras nascidas das mais ricas essências do país, naquelas casas vastas e semi-barbaras.

Eram-lhe os móveis escassos e toscos, senão pobres, mas no meio desta singeleza, de repente, em singular contraste, apareciam algum enorme lustre, de límpido e admirável cristal, valendo contos e contos de réis, e candelabros riquissimos de bronze dourado.

Sobre as colosais mesas de jantar, de réles pinho, ostentavam-se volumosos serviços de porcelana, européia e chinesa, finissimos, dourados a fogo, monogramados, brazonados, frequentemente, compreendendo centenares de peças.

As pratas ainda se notavam abundantes não mais tanto em baixelas mas nas enormes salvas, nos grandes castiçais, nos pesados aparelhos de café e chá, etc.

Como decoração dos salões, de tetos estucados e soalhos do mais rústico taboado, notavam-se as custosas guarnições de cortinas dos mais finos panos, dignos dos lustres e dos candelabros, mas em antagonismo absoluto com a simplesa dos móveis "medalhão" de mogno e palhinha.

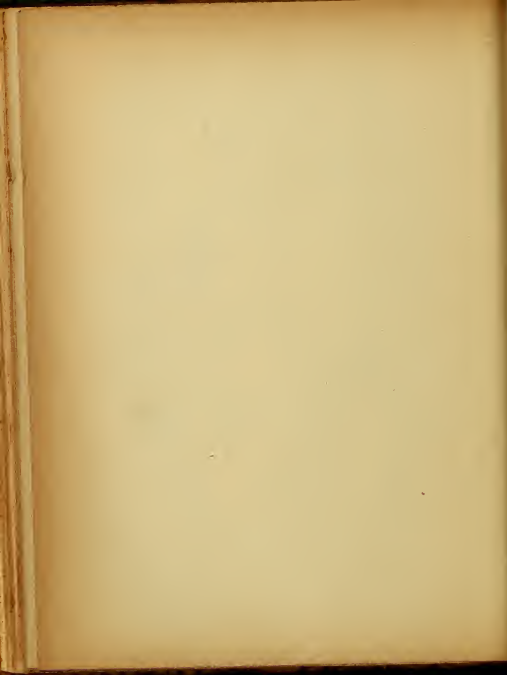
Retratos a óleo eram quasi sempre os únicos quadros de tais salas. E que retratos! geralmente, pessimas obras de pinta-monos! Em uma ou outra sala, em geral nas de jantar, notavam-se decorações murais.

Havia, pois, o mais absoluto desequilíbrio de correlações estéticas no mobiliário, na decoração, no aparelhamento destas casas baronais, expoentes da civilisação cafezista fluminense, então no apogeu.

As reuniões que se davam em tais solares traduziam e agravavam estas disparidades. Cobertas de riquissimas joias, em profusão pasmosa, viam-se as senhoras vestidas dos mais ricos estofos, mas mal calçadas e mal amanhadas e os homens a usar brim, linho ou a casemira vulgar, envergando rodaques, jalecos, paletós de mil e um feitios e mil e uma cores. E nenhum programa regulava estas festas desordenadas.

Diriam hoje alguns mal informados que tais casas eram características habitações de "*noveaux riches*". Mas a cometer a maior injustiça. Não vinha a ser a ostentação nem a vaidade do *parvenu* o que trazia tal estado de coisas e, sim, simplesmente a incultura e a timidez. Pois a singelesa do trato despretencioso e a urbanidade encantadora brasileira alí reinavam em toda a plenitude sem a menor arrogância nem sombra de orgulho.

Viam-se então os municípios e as cidades cafeeiras infestadas por nuvens de judeus geralmente alsacianos; caixeiros, representantes ou mesmo proprietários de casas do Rio de Janeiro. Recebidos com a maior simpleza e a maior hospitalidade pela gente acolhedora, bondosa e rica dos landlords do café, empurravam-lhes êstes agentes a mercadoria, os alcaides do peor gosto, feitos para a exportação americana e sul-americana, em matéria de joias, porcelanas, cortinas e sanefas, vasos, etc.

Pouso nocturno de tropeiros. (1825)
(*J. B. Debret*)

Curioso é porém que os móveis não "pegassem" com tanta facilidade; provavelmente, por causa do volume e do pêso dos transportes. Notavam-se algumas casas ricas e bem mobiladas, e com algum gôsto, mas excepcionalmente quando pertenciam a gente viajada pela Europa, ou frequentando com mais assiduidade o Rio de Janeiro.

Desta timidez, da condescendência, da fraqueza em não recusar, as propostas de pretensos artistas, provinham tambem quasi sempre os horrendos retratos, duros, secos, sem fundo e sem transição de colorido, que se dependuravam ás paredes dos salões nobres.

Acudiam os pintores de ínfima ordem, italianos, espanhois, portugueses, franceses e com a volubilidade dos conceitos bajulatórios e do elogio próprio assaltavam os figurões tributáveis.

Daí provinham as encomendas de que nasceram aquelas galerias. Os futuristas de hoje provavelmente as exaltarão como documentos da arte hiper-primitiva de 1860.

Um ou outro ricaço mais fraco que o comum da sua gente, ou vítima de "artista" mais palrador e charlatanesco, deixava se tributar em alguns contos de réis, permitindo que o "ilustre" pintor lhe decorasse a sala de jantar, comodo geralmente, fadado ao futuro sacrifício da técnica das artes do desenho.

Que conjuntos saíam da imaginação dêsses troca-tintas da palheta! Que acêrvos de disparates e necedades! E que arte a dêstes "artistas"! que primores apelianos os daqueles desenhos e coloridos!

Numa muito ampla e, pelas dimensões, imponente sala de jantar com as suas imensas janelas e portas de folha inteira, pé direito de seis metros, soalhos de taboas diamétricas, provindas dos antigos gigantes da mata, forros em masseira, vimos uma destas decorações murais, típicas, impingidas a certo visconde milionário fluminense, por "artista" italiano ou espanhol.

Balança-se enorme arára numa espécie de trapezio e um macacão, acorrentado pela cintura do alto de sua gaiola, contempla-a a fazer visagens.

Em face dêste primoroso painel zoológico, enorme teoria de indivíduos encapuzados, como antigos familiares do Santo Ofício, sóbe processionalmente, por uma rampa que termina num grande moinho de vento.

Noutro ponto da sala, em frente a uns tantos chalés suissos, ou isbas russas, é difícil dize-lo, pastam bois e carneiros e passa um magote de soldados, bombeiros ou coisa que o valha.

Noutro lugar, numa grande caixa de entomológo, ostentam-se espetados, bezouros e borboletas, gafanhotos e libélulas.

Mas, o mais interessante consiste numa nave deserta de catedral gótica, altissima, em que se destaca um púlpito da elevação de uma torre, cujo acesso se faz através de um dos pilares.

Nêste púlpito há um frade olhando para o sólo e só... Quanto terá o bom visconde de... pago por esta moxinifada? Bom dinheiro, com certesa. E, provavelmente no íntimo, a achava muito feia. Era homem de suas leituras e viajado. Não fôra muito engazopado pelo pinta-monos europeu e sim vítima da própria condescendência.

—Ora! o sujeito precisava viver! viéra de tão longe! Pobre diabo!

Daí, desta feição geral do tempo, nascia a facilidade com que ganhava dinheiro, á custa da fartura do café, uma nuvem de charlatães, inculcando-se médicos ingleses e cirurgiões alemães, dentistas gregos e cabeleireiros franceses, professores de música italianos e poliglótas, artistas e modistas, etc., etc.

Eram gente boa e simples os landlords do café, eminentemente tosquiáveis...

Tinham dinheiro fácil e abundante... nenhuma presunção, nem sombra de vaidade... e sobretudo, inesgotável paciência.

E não pretendiam, aliás de fórma alguma ser versados em cousas da arte e da cultura. Viajavam muito á Europa anciosos por conhecer a França que sôbre todos exercia a mais alta influência, a mais hipnotisante atração.

E como no meio dessas levas de itinerantes alguns aparecessem, amigos da ostentação toleirona das joias espalhafatosas e pródigos como raros nos meios elegantes, creou-se a reputação para os nossos fazendeiros de café, de riqueza, fatuidade e incultura, sintetisada na imagem do brasileiro ofenbaquiano coberto de brilhantes colosais e desfrutável *pilier de coulisse* no gênero dos personagem da então famosa *Vie Parisienne*.

Refere Eloy de Andrade contemporâneo da grandesa da lavoura fluminense que muito de perto observou por toda a província onde havia cafezais.

"O landlord construiu então lindos palacetes, cercados de jardins. Prados á entrada com pequenos lagos, pontilhando as encostas pinheiros e araucárias importadas naquela data, renques ou filas de palmeiras imperiais conduziam do portão dos terreiros até o palacete. Pequenos bosques circundavam os grandes pomares.

Jantares eram banquetes de dez e mais pratos. Vinhos finos e raros proveniêntes de adegas por vezes enormes e preciosas.

Durante largos anos, as grandes fazendas cafeeiras conservaram extenso partido de cana de assucar. Fabricavam depois da safra de café, superior assucar branco, sêco e guardavam dezenas de sacos para o gasto da casa e para a confecção de doces de frutas.

Delas, ninguem imagina o que então se fazia. Mucamas, peritas doceiras, gastavam dias e dias em preparar a saborosa marmelada e geléia para os convalescentes.

Davam-se grandes festas nos aniversários natalícios das donas da fazenda, nos casamentos dos filhos, festas honradas com a elite da sociedade do Rio de Janeiro.

Escravos caçadores viviam, antes da festa, dias inteiros nas matas caçando catetes, queixadas, macucos, jaós, capoeiras, inhambús-assú, aves raras de apreciadissimo gôsto para os *gourmets* daquela época, como o arisco *capitão do mato* a pomba cabocla que é necessário abrir imediatamente depois de abatida, afim de evitar o sabor altamente *faisandé* pois ela putrefaz-se rapidamente.

Beneficiamento do café pelo monjolo
(*A. Norfini*)

O palacete enchia-se totalmente de convidados vindos dos arredores, mas, sobretudo do Rio.

Jantavam tarde. Quando se levantavam, ao escurecer, iam ás janelas. Embaixo a escravatura, que em algumas fazendas chegava a quinhentos escravos, estava extendida em linha. Ao assomar o dono da casa a uma das janelas entre os hombros de dois hóspedes, ouvia-se o longo clamor.

Eram os míseros cativos, que vinham pedir ao árbitro de seus destinos que os abençoasse...

"Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!..."

Para sempre seja louvado, respondia o fazendeiro.

Naquele momento apareciam pagens trasendo bandejas com as chávenas de delicioso café".

Tornaram-se célebres em todo o Sul do Brasil muitas dessas fazendas onde as benfeitorias, sobretudo as casas grandes, haviam consumido centenas de contos de réis.

Assim entre muitas citemos *Gavião*, do Conde de Nova Friburgo; *S. Joaquim da Grama*, do Comendador Joaquim J. de Souza Breves; *Paraiso*, do Visconde do Rio Preto; *Páu Grande*, do Barão de Capivari e depois de seu filho o Visconde de Ubá; *Corôas*, do Marquês de Valença; *Santa Monica*, do Duque de Caxias; *Santa Rosa*, do Marquês de Baependí; *Pinheiro*, do Comendador José Breves; *Lordelo*, do Marquez de Paraná; *São Lourenço*, do Visconde de Entre Rios; *Tres Poços*, do Comendador Monteiro de Barros; *Secretário*, do Barão de Campo Belo; *Serraria*, do Barão de Piabanha; *São Fidelis*, do Barão de Santa Justa; *Sant'Ana*,, do Marquês de Lages; *Vargem Alegre*, do Barão deste nome; *Crissiúma*, do Barão do Amparo e depois de seu filho o Visconde de Barra Mansa; *Campos Elisêos*, do Visconde de Ipiabas; *Bôa Vista*, do Visconde de Paraíba; e muitas e muitas mais, como as dos Barões do Patí do Alferes, de Duas Barras, Guanabara, Juparanã, Guararema, Piraí, Visconde do Imbê, Cananéa, Rio Bonito, Conde de S. Clemente, etc., pertencentes a famílias cujos diversos ramos haviam simultaneamente enriquecido cuidando da lavoura do café. Constituiam agora o patriciado fluminense como os Nogueira da Gama, Paes Leme, Teixeira Leite, Monteiro de Barros, Souza Breves, Ribeiro de Avelar, Lacerda Werneck, Leite Ribeiro, Leite Guimarães, Ribeiro de Almeida, Gomes de Carvalho, Faro, Corrêa e Castro, Clemente Pinto, Morais, Alves Barbosa, Carneiro Leão, Oliveira Roxo, Gonçalves de Moraes, etc., etc.

No Norte e Oéste de S. Paulo, notava-se o mesmo fenômeno do enriquecimento simultâneo dos diversos ramos das grandes famílias antigas algumas delas já opulentas ou pelo menos abastadas antes da grande cultura cafeeira e depois largamente beneficiadas pelo surto da rubiácea.

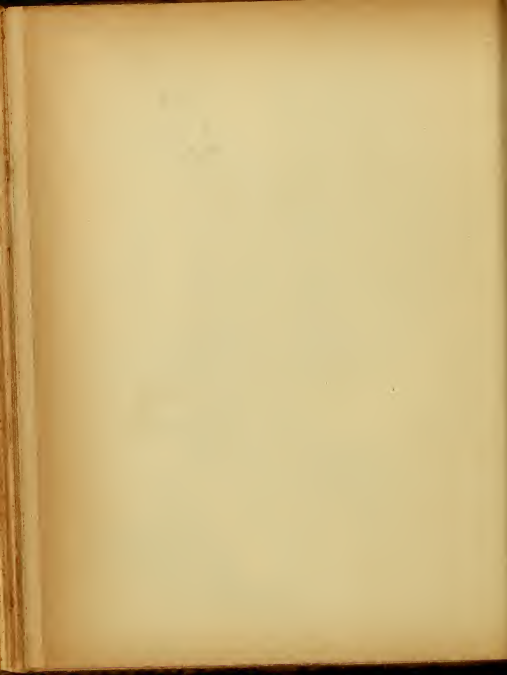
Assim se dava com os Paes de Barros, Souza Queiroz, Silva Prado, Queiroz Telles, Almeida Prado, Souza Aranha, Souza Rezende, Pompeu de Camargo, Leite de Barros, Cunha Bueno, Vergueiro, Arruda Botelho, Penteado, Pacheco e Silva Ferreira de Camargo, Ferraz, Conceição, Teixeira Nogueira, Pompeu do Amaral, Jordão, Araujo Cintra, Lara, Assumpção, Alves Lima, Ulhôa Cintra, Melho Oliveira, Franco Lacerda, Junqueira, Oliveira, Azevedo, etc., etc., do Oéste de S. Paulo, Marcondes

Homem de Mello, Oliveira Borges, Lopes Chaves, Godoy, Salgado, Romeiro, Aguiar Vallim, Moreira Lima, Castro Lima, Monteiro, Freitas Novaes, etc., etc., do norte paulista.

Na Mata mineira alguns nomes nos ocorrem á memória como os de Monteiro de Barros, Monteiro da Silva, Cerqueira Leite, Martins Ferreira, Silva Pinto, Vilela de Andrade, Ferreira Leite, Leite Ribeiro, Teixeira Leite, Dias Tostes, Halfeld Rezende, Ferreira Armond, Barbosa Lage, Ferreira Lage, e quantos mais.

Entre as grandes fazendas paulistas de antanho, algumas delas dignas de confronto com as fluminenses, citemos as de *Ibicaba*, do Senador Vergueiro, *São Jeronimo*, do Barão de Souza Queiroz, *Sete Quedas*, do Visconde de Indaiatuba, *Anhumas*, do Barão de Limeira, *Laranja Azêda* do Marquês de Tres Rios, *Santa Gertrudes*, do Barão de S. João do Rio Claro, *Santa Vendiana*, do Dr. Martinho Prado, *Rio das Pedras*, do Cons. Albino Barbosa de Oliveira, *Páu Grande*, do Barão de Anhumas, *Chapadão*, do Barão de Itapura, *Santo Antonio*, do Barão de Jundiaí, *Paraiso*, do Barão de Itú, *Monjolinho*, do Con. Souza Barros, *Santa Genebra*, do Barão Geraldo de Rezende, *Barra*, do Barão de Pirapetinguí, e *Paraiso*, do Barão de Serra Negra, etc. E no norte da Província, onde as lavouras eram mais antigas, citavam-se as fazendas do Conde de Moreira Lima, Barão de Castro Lins, em Lorena; do Visconde de Guaratinguetá, em Guaratinguetá; do Com. Aguiar Vallim, Visconde de Aguiar Toledo e Ariró, Barão de Joatinga, em Bananal; do Visconde de Pindamonhangaba e de Palmeira, Barões de Itapena, Taubaté, Paraîbuna e Romeiro em Pindamonhangaba; dos Barões de Jacarehí e Santa Branca, e do coronel Leitão em Jacarehy; dos Viscondes de Mossoró, de Tremembé, em Taubaté; Barões de Itatiba, Ibitinga, Cintra, Campinas, Piracicaba, Visconde do Rio Claro, Conde de Pinhal, Barões de Araraquara, Japí, Monte Mór, Porto Feliz, Atibaia, Tietê.

Em Minas Gerais algumas fazendas se tornaram igualmente muito citadas, como fossem: *Santa Mafalda*, do Barão dêste nome, *Santa Sofia*, do Conde de Prados, *Gironda*, do Com. José E. Teixeira Leite, *Pantano*, do com. Antonio C. Teixeira Leite, *Louriçal*, do Barão de Aíuroca, *Tres Barras*, do Visconde de Jaguarí, e outras muitas, como as dos Barões de Bertioga, Piabanha, Santa Helena, Leopoldina, São Geraldo, Itamarandiba, Três Ilhas, Retiro, Santa Alda, São Mateus, Viscondes de Itatiaía, Monte Mario, etc.

POUSO DE TROPEIROS EM JUNDIAHY. (1826)
(*Hercules Florence*)

X

O grande, o notável surto da lavoura cafeeira fluminense crearia pois um ambiente sobremodo característico, verdadeiro panorama de uma civilisação típica como jámais se poderia renovar.

Foi o florão do episódio imperial brasileiro e como êle um lampejo de alguns decênios, essa grandeza. A ela se seguiria um período rápido de violenta decadência terminada pelo desaparecimento dos cafezais agora hélas! substituidos por terras de pastagens.

Um publicista francês de notável valor, Charles de Ribeyrolles, amigo de Victor Hugo, que por espírito de republicanismo e ódio ao regime napoleônico deixou a França e veio estabelecer-se no Brasil, após alguns anos de exílio e miseria no exílio, sobretudo na Inglaterra, apreciou de perto o quadro sociológico determinado por estas condições especiais e pitorescas. Sôbre êle se aplicou a agudeza da visão perspicaz, cheia da curiosidade intensa de europeu cultíssimo, desgarrado num meio refeito das solicitações imperiosas da terra nova, cujo amanho principiara por assim dizer.

Em seu *Le Brésil pittoresque* nos deixou algumas páginas de vivas impressões, abundantemente citadas.

Assim em 1858 visitou Vassouras cujo município então dava trezentas e cincoenta mil sacas de café ou seja talvez um quarto da produção da província do Rio de Janeiro.

Depois de lembrar que a sua primeira cultura fôra a do anil abandonada pela da rubiácea escreve o publicista:

"Mais celá se vend si bien, le café! L'Amerique du Nord nous l'accepte dans droit, tandis que se farines paient a l'entrée de notre Eden, et l'Europe, si longtemps rétive, achete aujourd'hui nos arrobes.

Voilá pourquoi Vassouras a laissé l'indigo pour le caféier. Ses mamelons, a dit lieus a la ronde, ont été déboisés et brulés et sous les cendres, que grace aux rosées faisaient sève, on a planté partout l'arbuste éclos dans l'Arabie hereuse. Combien, en lingots, a donné le petit fruit aux deux demi-feves? des galions, et Vassouras-Municipe exporte aujourd'hui chaque année, près d'un million et demi d'arrobes.

Celà est beau c'est vrai: mais le caféier épuise la terre et ne produit plus, après quelques années: il faut, alors, laisser dormir le sol et planter plus loin. N'est-se pas la course folle des barbares cueillant le fruit e brulant la forêt?

Hélas! Les bras manquent, la como ailleurs; et Vassouras-Municipe compte a peine 30.000 habitants dont les deux tiers esclaves. Il y a deshors vingt-mille travailleurs sans intérêt et sans responsabilité dans ce domaine. Que voulez-vous que soit le domaine?

Ce sont les moeurs féodales de la vieille Europe que ont formé ce pays, et ses institutions ne l'ont que trop long-temps gouverné. La faute en est donc aux dieux-fléaux de l'ancien monde, et pas plus que le reste du Brésil, Vassouras n'est comptable".

Deixando Vassouras foi o escritor visitar uma das maiores fazendas do município a do *Secretário* pertencente ao Barão de Campo Bello, "belle habitation, sortie depuis quinze ans de la terre vierge, et maintenant, toute épanoui comme un espalier que garde hélas! ses épines, ses cases, avec se riche cascade, sa pelouse et ses mamelons laintains chargés de caféiers.

Mais vous ne savez pas l'histoire, la courte histoire de cette maison. Ceci n'est pas un palais trois fois séculaire, chargé d'armoiries et peuplé de légendes. C'est une ferme venue d'huier, fort opulente aujourd'hui, mais qu'un homme, un seul homme a faite, en vingt ans de labeur.

Mr. le baron de Campo Belle est alui même son premier Montmorency, et il ne s'en cache pas. Ce qu'il emprunte aux anciens féodaux courtois, c'est la maniere simple et franche, c'est la religion de l'hospitalité. Visiteurs et passants trouvent chez lui maison et table ouvertes et la liberté de l'hôte y reste entiere: je n'ai pas revu, la le sombre castel de mon rêve et de mon chemin".

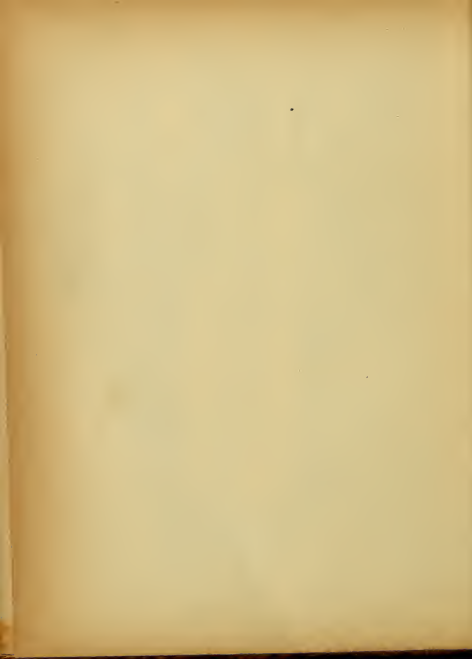
Demorou-se de Ribeyrolles na fazenda do Secretário. E ao homem, sedento de liberdade, se por um lado cativou a liberalidade do fazendeiro por outro o sombrio espetáculo desse capítulo da história viva da crueldade humana que era o do trabalho servil, levou-o a dizer:

"Je restai, la quelques jours, étudiant ces disciplines du travail forcé que je voyais pour la première fois, et je dois le dire, la violence n'attrista pas mes regards. Mais, en moi, le sens humain souffrait: je ne pouvois travailler.

Ceci ne s'adresse point au propriétaire du *Secretario*, pionnier infatigable, surveillant de la première aube, il y a quarante ans qu'il est au chantier, comme ses negres, et la loi qu'il applique est la vieille loi de son pays. Mais cette loi viole, outrage en moi l'ideal de justice, et je saignais de voir en dervitude *des ames*. Donc, salut et remerciments au patricien courtois et de gracieux accueil du *Secretario*: je désire au Brésil beaucoup de proprietaires de son espèce, mais je leur souhaite a tous, le double affranchissement: *travail libre et justice*".

Prosseguindo em sua jornada por Valença, Ubá, Paraíba do Sul veio ter Ribeyrolles a Petropolis por Pedro do Rio. Mais tarde visitou Campos e S. Fidelis, cujo município aliás muito maior do que hoje abrangia dilatada área sustentando imenso cafezal.

O capítulo que consagrou a descrição da fazenda e de suas normas de vida, está repassado de duras realidades verberadoras da ambição branca aproveitadora do trabalho negro. E as suas páginas são por veses patéticas exprimindo o horror que á sua alma de filantropo causava o *homo homini lupus*.

Uma grande fazenda de café do valle do Parahyba (1860)

XI

Quando os lavradores haviam desbravado a mata e examinado a melhor posição para a séde de suas moradas aí estabeleciam as suas *casas grandes*, geralmente pesados sobradões, imensos, de estílo português, ou antes sem estílo algum, com terraços e alpendres ao centro, ladeados de escadarias.

Dêste terração podia a fazendeiro observar todo o movimento da fazenda, a partida e a chegada das tropas que iam e vinham dos pastos, a volta de escravos do eito e a do gado que recolhia aos currais.

A mais irracional distribuição era geralmente a dos cômodos, enormes salões e minusculas alcôvas, sem ventilação.

Longe se estava ainda das comodidades da agua encanada e das conquistas da higiene moderna.

Largos pomares e hortas rodeavam a casa senhoril. E era como que ponto de honra dos senhores cultivarem o maior número de espécies frutíferas.

Em torno da *casa grande* as dependências maiores e menores: as casas do administrador, do escrivão e chaveiro, do arreiador, tropeiro, a marcenaria, a tenda do ferreiro, as tulhas, dispensas, paióis, os quartos dos arreios e seleiro, a enfermaria, a cosinha dos escravos etc., os engenhos de café, assucar, o alambique, o moinho, as "fábricas" de farinha e cangica, e as "salas" de algodão, velas, azeite, sabão, etc.

A' frente da casa do dono os terreiros de café. De suas janelas queria êle ter sempre a vista as colheitas ameaçadas pelos furtos noturnos dos escravos que vendiam os grãos desviados aos vendeiros das estradas, a trôco de miserável paga em aguardente e fumo.

Além dos terreiros, as senzalas, o grupo das habitações dos escravos dispostas em quadrado, a que só havia acésso por uma porta. As casas toscas do quadrado geralmente construidas cada uma para dois casais davam para uma grande praça central onde havia um chafariz.

Apontando reminiscências pessoais pitorescamente descreve um autor, Everardo Pereira de Sousa, a vida de um grande *land-lord* do café seu parente, senhor de enorme cafezal e escravatura, em 1870 em Bananal, S. Paulo. E' um quadro de fortes resaibos feudais ainda.

Assim recorda a abundância dos cativos que sabiam os ofícios indispensáveis á marcha dos serviços: carapinas, serradores, marceneiros, pedreiros, pintores e preparadores de tintas, ferreiros, oleiros, alfaiates, sapateiros para os senhores e os escravos, seleiros, etc.

Enorme teoria a dos domésticos que trabalhavam no serviço pessoal do fazendeiro e de sua familia. As mucamas-arrumadeiras dos inumeros quartos e alcôvas, não só os das pessoas de casa como os dos hospedes, quasi sempre em grande número, predominavam pelo número.

Era êste batalhão ancilar que aos quartos levava as grandes bacias de cobre para os banhos e os largos jarros com agua quente e fria, depois de, pela manhã, servirem em bandejas, lautamente providas, o café acompanhado de uma duzia de guloseimas. Nas grandes casas o serviço de copa era entregue geralmente aos escravos homens. Mas nas cozinhas e dispensa predominava o elemento feminino ao lado da cosinheira-chefe, as ajudantes, doceiras, biscoiteiras. E ocorriam as especialisações cabendo a uma o preparo do peixe, a outra o da caça, a outra as massas, a outra ainda os pratos leves da ceia. Em muitas fazendas o preparo do arroz, indispensável nas mesas brasileiras, era delegado a uma especialista. A's creoulinhas incumbia o aceio do enorme vasilhame de tachos e panelas.

Creados homens eram geralmente os copeiros que serviam a mesa e os *pagens* cuja obrigação vinha a ser a de *valet de chambre* de confiança.

Negrinhos tinham pitorescas atribuições, como a de conservarem brazas acêsas para os fumantes.

Boticários e enfermeiros completavam o *staff* masculino e feminino da *casa grande* da fazenda onde ainda se empregava verdadeiro esquadrão das lavadeiras e engomadeiras.

Algumas pequenas indústrias existiam em torno da séde da fazenda cujos produtos nela eram consumidos, como fossem a do preparo dos sabões grosseiros chamados de "cinza", utilisando a gordura dos animais abatidos, a das velas de cebo, do oleo da mamona para os candieiros grosseiros pois, para a sala nobre, o azeite de maior poder iluminante provinha de outras sementes oleoginosas.

Preparavam-se também alguns produtos farmaceuticos, aliás dos mais vulgares.

Entre as indústrias agrícolas subsidiárias, de importância, havia a do fabrico da farinha de mandioca, da de milho e fubá.

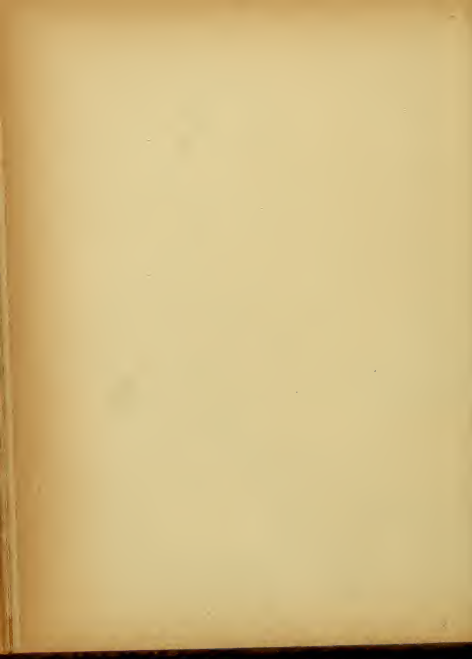
Em várias fazendas quando o número de escravos era avultado, ainda havia a indústria do algodão, cujos tecidos se utilisavam para as roupas dos escravos, lençóis, sacaria.

Assim não raro, como observaram muitos viajantes, e entre êles Castelnau, notavam-se plantações da malvacea cujos capulhos eram descaroçados por aparelhos rudes, movidos a mão, geralmente por pretinhos. O algodão livre, entregue ás fiandeiras, passava para as cardas e as rocas e, afinal, para o tear.

O tecido confecionado por esta máquina, toda de madeira, e engenhosa na sua simpleza, era regular e chegava, ás vezes, a ter quasi um metro de largura, em suas peças.

Em algumas fazendas, mas aí bem mais raramente, procedia-se á tecelagem de lã para os cobertores dos escravos e suas *japonas*, espécie de sobretudos grosseiros.

Para a tinturaria empregavam-se, além do anil, cuja cultura teve o seu desenvolvimento, outras plantas indígenas.

Fabricação primitiva de assucar em Campinas. (1840)
Fazenda da Cachoeira de D. Thereza do Amaral Pompeu — (Hercules Florence)

Assim, as grandes fazendas se abasteciam a si mesmas. Era com orgulho que os seus proprietários alegavam dizer numa frase corrente no tempo: só compro sal, ferro e polvora!

O que das grandes propriedades fluminenses dos municípios de Vassouras, Valença, Paraíba do Sul, Barra Mansa, Rezende, S. Fidelis, Cantagalo, Piraí, São João Marcos, se descreve, era o mesmo ou quasi o mesmo do que se passava nos municípios paulistas de Bananal, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Jacareí, Campinas; nos mineiros de Juiz de Fóra, Mar de Espanha, Leopoldina, Cataguazes, no espírito-santense de Cachoeira do Itapemirim, onde também havia grandes fazendeiros como o Barão de Itapemirim e o Barão de Guandú, etc.

Ao lado do administrador ou feitor, formava um estado maior, de escravos, e homens livres, como que os ajudantes da mordomia da fazenda. Nêste séquito figuravam o chaveiro, a quem incumbia zelar pelo quadro das enormes e toscas chaves de todas as dependências e fiscalisar, sobretudo, a porta do quadrado das senzalas e ainda fazia o ofício de sineiro, o relojoeiro, zelador dos relogios e pendulos da casa, e frequentemente acumulava com estas funções as de dentista, e aplicador de bichas e ventosas sarjadas e não sarjadas.

Ao escrivão da fazenda e seu ajudante cabia a escrita geral e a superintendência dos paióis.

Personagens de alta posição e importância eram o mestre arreiador, chefe dos tropeiros e camaradas, superintendente de um serviço capital como êste que punha os produtos da fazenda á disposição do comércio universal. Levavam a tropa dos cargueiros do café aos portos e de lá traziam as mercadorias necessárias á fazenda.

Farta, fartissima a vida do pessoal dessas propriedades opulentas naqueles tempos em que a terra produzia os víveres em enorme abundância. Aos escravos nutriam geralmente os senhores fartamente, como era de esperar por intêresse próprio, numa fórmula alimentar esplendida de angú, feijão e toucinho, com uma distribuição semanal, ou duas, de carne fresca ou seca, além do largo emprêgo dos inumeros tubérculos indígenas.

E nas *casas grandes* reinavam continuos bródios, verdadeiras bodas de Camacho, de quichotesca memória. Viviam os *land-lords* e suas familias com as residências cheias de hospedes, parentes e amigos ou simples apresentados de amigos, que frequentemente se demoravam abusivamente, semanas e mêses em estações de repouso e de indolência. A necessidade imperiosa do trato social e a condescendência por parte dos anfitriões permitia assim essa deturpação da hospitalidade.

Assim se formava verdadeira classe de parasitas "doceis e apreciados como os antigos jograis do feudalismo".

Mas seria demais fugirmos ao principal escôpo de nosso programa prosseguirmos neste terreno que nos levaria longe demais. Assim poremos fim a esta digressão que não nos parece, contudo, de todo desinteressante ao leitor estrangeiro.

XII

Em Minas Gerais começava o plantío da rubiácea no primeiro quartel do século.

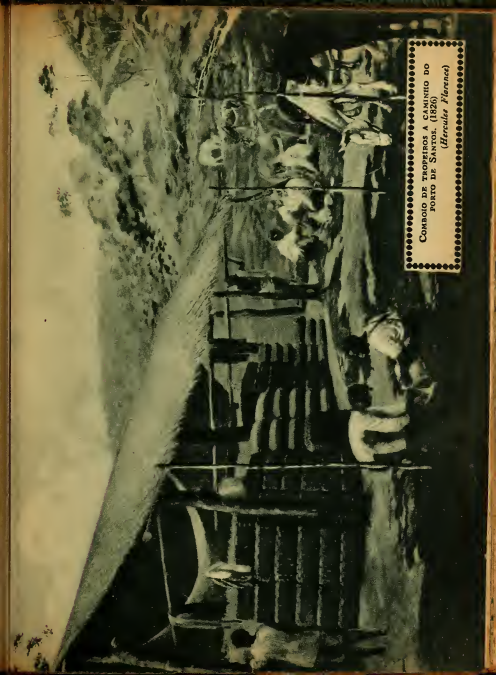
Em 1818 fôra a producção dos cafezais mineiros 2.434 sacas, doze anos mais tarde quasi decuplicara, atingindo esta cifra a 20.350 sacas.

Eram os territórios contiguos á zona fluminense os que naturalmente deviam produzir maiores colheitas. Penetrara a cultura da rubiácea na Província pelos vales do Preto e do Paraíbuna, do Pirapetinga e do Pomba, e outros afluentes menores e confluentes do Paraíba, em terras de Juiz de Fóra, Mar de Espanha, São José, Leopoldina, Cataguazes, Ubá, Muriaé, nesses municípios que constituem a zona chamada da Mata.

Rapida expansão tiveram as lavouras mineiras muito embora não tão importantes se mostrassem quanto as fluminenses.

Em 1840 sua exportação foi de 41.936 sacas; em 1850 de 101.490. Mas já em 1860 subia a 371.839 para chegar a 625.742, em 1870 e afinal em 1880 atingir a cifra vultuosa de 913.027.

A febre cafeeira pela metade do século XIX invadia outras regiões, o sul do Espírito Santo que produzia em 1847 quasi 29.000 sacas, chegara em 1872 a 172.000.

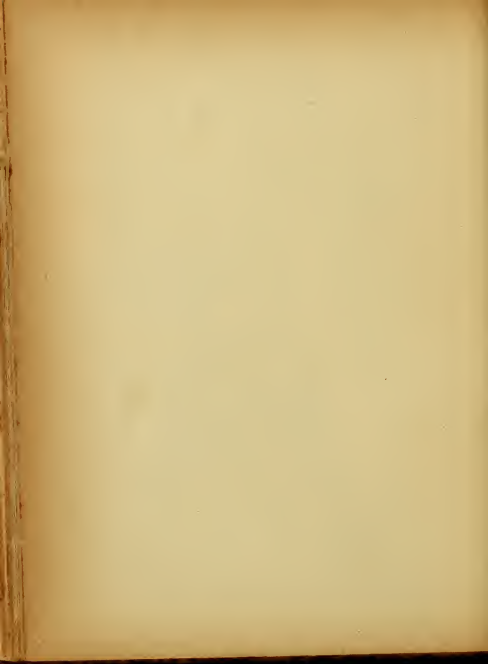
E' interessante examinar a progressão da exportação cafeeira do porto do Rio de Janeiro, de década em década:

1830.................	391.785
1840..................	1.068.418
1850.................	1.343.484
1860.................	2.127.219

O Brasil era o café! Em S. Paulo as dificuldades do transporte tendo a vencer a aspereza da serra marítima haviam entorpecido o grande desenvolvimento da cafeícultura.

E, realmente, por toda a parte, se por um lado a serra marítima, paralela á costa, creára as condições climatéricas tão favoráveis á planta por outro lado as dificuldades do terreno acidentadissimo tornavam muito pesadas as despesas do transporte á costa de milhares de mulas cargueiras.

Assim mesmo era tão remunerador o preço, e deixava tal margem de lucros o trabalho servil que as lavouras cada vez mais cobriam novas áreas recem-desflorestadas.

O que lhes impedia o desenvolvimento era a falta de braços. Cessado em 1851, completamente o tráfico africano com a rigorosa vigilância dos

COMBOIO DE TROPEIROS A CAMINHO DO PORTO DE SANTOS. (1826)
(*Hercules Florence*)

cruzeiros ingleses e das autoridades brasileiras da costa, começaram os lucros do café do Sul a provocar o exôdo dos escravos das províncias do Norte do Brasil.

E como do plantío da rubiácea proviesse notável acrescimo de riqueza pública nacional foi possível pensar-se na questão da melhoria dos meios de transportes. Daí o aparecimento das primeiras vias férreas brasileiras.

Na região fluminense o pequeno trecho, construido em 1853, pelo ilustre Irineu de Souza, depois Visconde de Mauá, serviu de princípio a um sistema galgador da serra dos Orgãos, por meio de magnifica estrada de rodagem União e Indústria, devido ao gênio empreendedor de Ferreira Lage.

Por outro lado os cafezistas de Vassouras, então capital do café, leaderados pelos Teixeira Leite, organisavam a Companhia Estrada de Ferro, Dom Pedro II, cuja ferro-via, a custa de ingentes esforços galgaria os declives da Serra do Mar para atingir as ribanceiras do Paraíba. Isto lhe permitiria depois o fácil percurso de centenas de quilometros, para léste e oéste, do seu entroncamento principal da Barra do Piraí.

Na Província de S. Paulo mais abruto ainda fôra o vencimento da serra, mas muito mais curta a distância a vencer-se. Ainda foi ao gênio de Mauá que se deveu a fundação dessa linha da *S. Paulo Railway* que tão prodigioso instrumento de progresso, riqueza e civilisação veio logo a ser.

Já então exigia o café novas zonas. As contiguas ao Rio de Janeiro em dilatado raio, tinham contra si o feitio dos terrenos. Acidentadissimos, em geral, havia a rubiácea sido plantada numa série de encostas abrutas, de gargantas apertadas. Vestiara-os outrora magnifica floresta. Mas a camada de humus não se podia manter desde que se operava o desmatamento. Era a terra fértil, fertilissima mesmo, mas com um taladamento de tal forma elevado que a erosão do fruto, das enxurradas tropicais não tardaria a esterilisar todas aquelas áreas descobertas onde a pomicultura cafeeira exigia as carpas repetidas para que as colheitas fossem abundantes.

Assim fugaz se tornou a vida das arvores naqueles terrenos alcantilados, até.

Tão fartos lucros dera o café, no entanto, que tudo fora aproveitado, terras, algumas até, como as do *canon* do rio Sant'Ana, de aclives tão fortes que se conta nêles ter havido lavouras onde os escravos, trabalhando a borda de formidáveis despenhadeiros, precisavam de ser amarrados á cinta para não rolarem, pelas fragoas, ao fundo do vale.

Assim empobrecidos os sólos pelas grandes enxurradas nêles pouco viviam as árvores e uma vez mortas era inutil dar-lhes substitutas que, se nascessem, cresceriam mirradas, enfezadas, infrutíferas.

Daí a noção das "terras cansadas", aliás inestercáveis pela natureza dos terrenos e a violência das precipitações pluviais da zona tórrida. Daí também a necessidade de plantação de novas lavouras em terra nova e o vigor do aforismo, universal em todo o Brasil: "o único adubo que serve para o café é a terra fresca das derrubadas recentes".

Por enquanto eram ainda as terras montanhosas, contiguas á região fluminense, que se punham em exploração, por causa das vantagens dos transportes á ampliação da rêde ferroviária.

Em 1860 encetava-se o ataque á serra marítima, em terceiro ponto, na linha da penetração de Niteroí a Cantagalo, zona também de grandes plantações. E por estrada que aliás, só atingiu a crista da cadeia, largos anos mais tarde.

Em 1867 chegava a Don Pedro II á estação de Entre Rios. Nova bifurcação se estabelecia aí para o norte e para léste que ia servir a novas zonas cafeeiras valiosas. Daí a abertura ao trafego dos trechos até Porto Novo do Cunha e Barra Mansa (1871) a Rezende (1873) a Juiz de Fóra e a Cachoeira (1875).

Em 1877 realisava-se a ligação ferroviária entre o Rio de Janeiro e S. Paulo e a linha do tronco de Pedro II já saira da zona cafeeira galgando as altitudes da Mantiqueira, em Minas Gerais.

A êste sistema principal não tardaria o complemento de uma rêde subsidiária que também se haveria de desenvolver rapidamente. Assim começaram a desenvolver-se a Leopoldina—que compreende hoje enorme quilometragem a absorver numerosas estradas menores como a União Mineira a Carangola, etc.—a União Valenciana hoje incorporada á Central do Brasil, e muitas outras, todas elas determinadas pela necessidade de escoamento de café proveniente da entrada em cêna de novos e grandes cafezais.

XIII

A marcha progressiva da ampliação da lavoura cafeeira em S. Paulo onde tão notável preeminência viria adquirir, no conjunto da universalidade do produto, fez-se de modo lento, por uma série de causas.

Sobretudo devido a duas circunstâncias de ordem primordial: a dificuldade dos transportes e o receio de grave fenômeno meteorológico: a geada.

Introduzira-se o cafeeiro em S. Paulo pelas vias fluminenses do litoral e do planalto como vimos.

Em 1806 a 1807 haviam sido a sexportações da capitanía respectivamente 265 e 318 sacas (de sessenta quilos aproximadamente).

Provinha então quasi toda a exportação do litoral dos distritos de São Sebastião e Ubatuba, escrevia, em 1814, o secretário da Capitania, Souza Chichorro, ao governador conde da Palma.

Por esta época o gênero principal da exportação paulista era o assucar que correspondera, em 1797, a 20.108 sacas, baixara, em 1803, a quasi dez mil sacas, para em 1805, atingir a 23.500, caindo em 1807 a perto de 15.000, assim mesmo quarenta e tantas vezes mais do que o volume da exportação cafeeira.

Vieram porém as lavouras de café do planalto alastrando-se ao longo do vale do Paraíba, de Areias e Bananal a Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté e afinal Jacareí.

Muito melhores condições ofereciam de que as da costa onde as plantações sofriam rudemente das pragas fitopatológicas.

Para o estudo dos primórdios do comércio de café em S. Paulo há uma monografia preciosa, a do marechal Daniel Pedro Muller, patriarca dos estatísticos de S. Paulo: *"Ensaio dum quadro estatístico da Província de S. Paulo"*.

No ano de 1835 já os portos paulistas exportavam, sobretudo para Boston, Genova e Trieste, cerca de 96.500 sacas. Mas a produção total da província fôra quasi 150.000 indo a resto, por maior comodidade de transporte, para os portos fluminenses de Paratí e Angra dos Reis.

Era esta a posição dos portos paulistas:

Ubatuba............	57.000 sacas
S. Sebastião.........	20.000 »
Santos..............	19.000 »

Os municípios do litoral ainda produziam em numeros redondos 20.000 sacas, os do chamado Norte paulista umas cem mil sacas e os do vale de Tietê umas 16.000 sacas apenas.

Nesta zona da província ainda eram os distritos contiguos á capital os mais ricos quanto á produção cafeeira.

Dava Parnaíba 13.000 sacas e Campinas apenas 2.000 ainda! O grosso da exportação paulista de Oéste provinha do assucar: 1.118 contos contra 267 de café.

Nesta época a distribuição da lavoura cafeeira de S. Paulo assim se fazia: Norte 72,48%, Litoral 14,39%, Oeste 13,13%.

E no entanto já se evidenciara, do modo mais completo, quanto o café se adaptava muito melhor ás terras de Oéste do que ás do Norte, quer pela constituição do sólo quer, e sobretudo, pela natureza dos terrenos.

Entretanto não eram as distâncias tão consideraveis, a partir do porto de Santos, situado a menos de 180 quilometros de Campinas.

A muito maior afastamento do porto do Rio já havia enorme desenvolvimento de lavoura, cujas colheitas desciam para o mar nas cangalhas de inumeras tropas de cargueiros.

A questão era toda, sobretudo, de ordem climática. No Oéste de S. Paulo havia ainda enormes florestas e esta circunstância aliada ás da altitude e latitude, provocava, anualmente, o aparecimento de geadas arrazadoras para os cafezais novos. As vezes ocorriam violentissimas como as de 1842 em que até as árvores mais resistentes da mata haviam sido rudemente atingidas.

As perobeiras e as magnificas essências do Sul do Brasil chegavam a queimar, lembravam os velhos agricultores, ao recordar a tremenda calamidade de meiados daquele ano que arrazara a lavoura de cana, da província toda.

Tão duramente castigara a todo o Oéste paulista que nas zonas florestais, desertas, do *far west*, provocára fenômenos absolutamente hibérnais como jamais se ouvira falar.

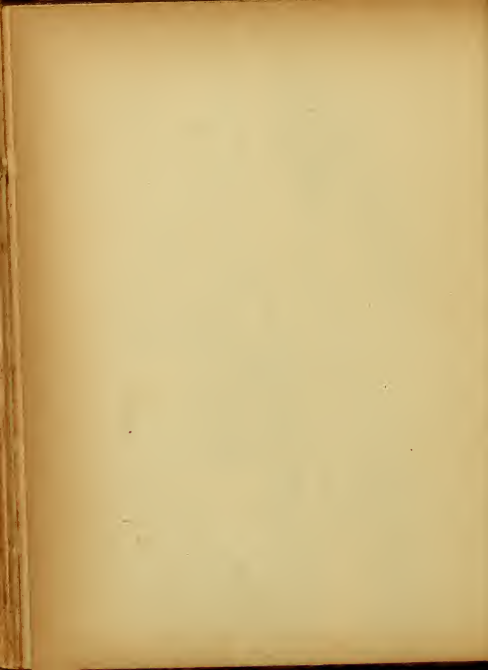
Haviam-se as árvores despojado da folhagem e de tal modo, que á geada seguindo-se prolongada seca ocorreu no sertão pavoroso incêndio florestal a cobrir imensa área, alastrando-se por centenas de legoas.

Verificaram os agricultores, desde muito, quanto os suaves declives de Oeste eram propícios aos cafeeiros.

As terras prodigiosamente ferazes de Campinas começavam a encher-se de cafezais, altamente produtivos, deixando os fartos resultados, que trouxeram á capital de seu distrito rápido e notável progresso.

No massapé do sólo de Campinas, suavemente ondulado, o cafeeiro, viçosissimo, tinha outra durabilidade do que nas terras montanhosas. Começaram a aparecer êstes famosos cafezais que, vinte anos mais tarde, estariam no maior viço, quando os seus contemporâneos das montanhas já haviam terminado o ciclo vegetativo. E o melhor é que se a arvore morria, outra qualquer, plantada em seu logar nascia forte e produtiva, o que se não dava com as das zonas montanhosas. Hoje mais do que nunca se comprova esta superioridade dos terrenos bem feitos do Oéste paulista, onde cafezais de sessenta a oitenta anos e até seculares dão a média anual, por árvore, dos cafezais de montanha com doze e quinze anos de idade.

O MONJOLO DE RABO, MACHINA DE BENEFICIAR CAFÉ. CAMPINAS (1840)

(A. Norfini)

Há em Campinas talhões centenários cujas cargas ainda são remuneradoras. E o mais importante é que o sólo se não esgota; a substituição das árvores se faz sempre sem prejudicar a produtividade das lavouras.

Assim deante daquela imensidão de terrenos bem feitos do Oéste paulista, cobrindo enorme área, era natural que, remuneradora como se mostrava a lavoura cafeeira, houvesse tomado, logo, imenso incremento a plantação da rubiácea, trazendo completo desiquilíbrio ao seu comércio universal.

Se assim não sucedeu foi porque a contar o *rush* para o sertão ocorreu o refreamento do temor das geadas, que restringia a um mínimo a escolha das terras onde havia garantias de abrigo contra a congelação.

A luta contra o fenômeno era o mais grave e do mais aleatório resultado. Daí o valor dos espigões, das terras altas, não *geentas*.

Quantos e quantos pioneiros sucumbiram ante a desventura das catastrofes climáticas anuais?

Além de tudo, o capital empregado em escravos era considerável ante a falta de braços que a cada passo se acentuava. Derrubar a mata constituia penoso trabalho, penosissimo trabalho porque a terra virgem se defendia prodigiosamente, por meio das epidemias transmitidas pelos seus dragões os insetos, o impaludismo e as úlceras.

Abertas as clareiras no meio das imensas matas plantava-se o cafezal; vicejava admiravelmente naquelas terras virgens e frescas, riquissimas de humus, anunciavam-se colosais colheitas, como jamais vira o corajoso lavrador em parte alguma, cousa de deslumbrar. Duzentas arrobas por milheiro de arvores, o quadruplo das melhores lavòuras próximas da costa, quando novas:

Dous e três anos de invernos suaves e o cafezal verdejava magnificamente, crescia maravilhosamente, prometia a mais farta recompensa.

Mas de repente vinha um ano frígido, as áreas cobertas pelas geadas se ampliavam inesperadamente e uma noite bastava para aniquilar os esforços de anos, arruinando os arrojados desbravadores que haviam ligado a fortuna á de suas plantações incipientes. Morriam os cafeeiros, adultos, frondosos "geados até a raiz" segundo a frása consagrada e desoladora.

Originou-se então nova cruzada em que reviveu a velha fibra dos bandeirantes de S. Paulo: a luta contra a geada.

Arriscaram-se os destemerosos agrícultores empenhando tudo por tudo; afrontavam os perigos das zonas chamadas "ninhos de geadas" como Limeira, São Carlos, Araraquara, Descalvado, Ribeirão Preto e tantas mais. E o exemplo de uns serviu de incentivo á coragem de outros. Apontavam-se os fatos da tenacidade dos lavradores que nada fazia abater, a replantar café nos lugares onde o orvalho congelado lhes aniquilava o esfôrço da pertinácia. Citavam-se os campineiros, cheios de ufania, os nomes dos seus concidadãos enterrados nas clareiras das matas do sertão durante anos e anos, a plantar café com a esperança do triunfo final, no mesmo sólo sovado pela congelação anual. E como êles muitos outros como os ituanos, capivarianos, tietienses, abridores do sertão de Jaú e Pederneiras, os mineiros e fluminenses da zona do *far west*, etc.

Em 1870 se repetira o *geadão* nas proporções terríveis de 1842 para — fato inaudito — dois anos mais tarde dar um "repiquete" absolutamente desastroso.

Mas apezar de tudo, desse risco terrível, tais as vantagens das terras novas do Oéste Paulista que se deu a marcha ascencional notável da exportaçãó de Santos, reflexo de tal alargamento.

E' o que eloquentemente nos relatam as estatísticas:

ANOS	SACAS DE 60 QUILOS
1851.................	103.260
1861.................	320.445
1871.................	546.975
1881.................	1.204.328

Ainda nêste último milésimo coube a primazia do volume dos embarques de café do Rio de Janeiro como se vê do quadro abaixo:

ANOS	SACAS DE 60 QUILOS
1851.................	2.040.405
1861.................	2.069.607
1871.................	2.357.961
1881.................	4.461.801

A produção, por árvore, muito mais elevada porém se mostrava na lavoura paulista, tendo a fluminense e mineira e a do norte paulista, tributária do porto da Guanabara, extensão incomparavelmente mais considerável como número de pés.

Alargava-se, cada vez mais, a área da zona cafeeira de S. Paulo: o desmatamento reduzia cada vez mais o perigo e a intensidade das geadas diminuindo o teôr da humidade atmosférica.

Daí o grande *rush* de agricultores de S. Paulo e das províncias de cafezais cansados para o Oéste paulista.

Antigos "ninhos de geada" haviam deixado de se-lo tanto e os arrojados se atiravam ás zonas novas do sertão como Avaré, S. Manuel, Pederneiras, Banharão e outras donde ninguem outróra se aventuraria a arriscar capitais em emprêsa de incerto resultado.

Outro fato notável concorria agora, para o desenvolvimento da lavoura paulista, a expansão considerável das grandes vias férreas Paulistas, Mogiana, Sorocabana cujos trilhos corriam ao encontro dos novos núcleos cafeeiros, e ao mesmo tempo provocavam a extensão das lavouras.

Os lavradores de S. Paulo apresentavam porém mentalidade diversa da de sua classe do Rio de Janeiro. Apreciavam êstes levantar em suas propriedades enormes casarões onde residiam e onde alguns mantinham côrte e paço. Aos de S. Paulo não distinguia êste feitio.

Residentes nas cidades tinham em suas fazendas casas geralmente modestas que destoavam da opulência das lavouras e das benfeitorias a

elas atinentes. A grande ambição dos cafezistas do Oéste de S. Paulo provinha sobretudo da extensão de suas plantações. Assim surgiram lavouras imensas como jamais as vira ainda o país, centenas de milhares de árvores e mesmo milhões exigindo um aparelhamento de terrenos e maquinária como jamais haviam tido as propriedades de outras regiões. Mas isto se daria sobretudo depois de 1889.

Algumas exceções contudo ocorreram a esta regra em Campinas, que no norte de S. Paulo, muito influenciado pelos costumes fluminenses, as praxes da província do Rio de Janeiro prevaleciam, podendo-se dizer que reinava a uniformidade no facies agrícola cafeeiro de todo o vale do Paraíba.

Já para o fim da década de 1880-1809 começariam no Oéste de São Paulo aquelas enormes plantações cuja extensão causaria dentro em pouco verdadeiro espanto. No último decênio do seculo XIX formar-se-iam essas imensas fazendas de milhões e centenas de milhares de arvores como as de propriedade do engenheiro Henrique Dumont, mais tarde vendidas a um sindicato inglês, as dos irmãos Martinho e Antonio da Silva Prado e os diversos blocos formados ou adquiridos por Francisco Schmidt notável *self made man* que chegou a possuir muitos milhões de cafeeiros e era intitulado o Rei do Café.

XIV

Aos primeiros lavradores de café surgiu logo a dificuldade do preparo e beneficiamento do seu produto. Se de longe, não exigia o grande maquinário e aparelhamento indispensável á manipulação do assucar, nem por isto deixava de ser bastante pesado para as suas posses de pequenos agricultores.

"Do que padece o assucar desde o seu nascimento na cana até sair do Brasil" é um dos mais interessantes e curiosos capítulos daquele livro essencial, das nossas letras históricas, a que já nos referimos a vem a ser a *Cultura* de Antonil.

Muito menos "padecia" e "padece" o café, muito menor número de manipulações como todos sabem. Apenas o descascamento, operação essencial ao passo que a gramínea sacarífera, após a moagem, tem o seu caldo sujeito a numerosas manipulações. E tinha-o segundo nos ensina o bom jesuíta.

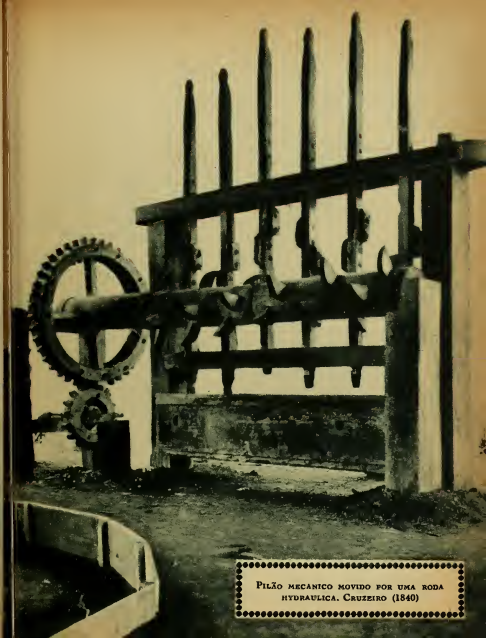
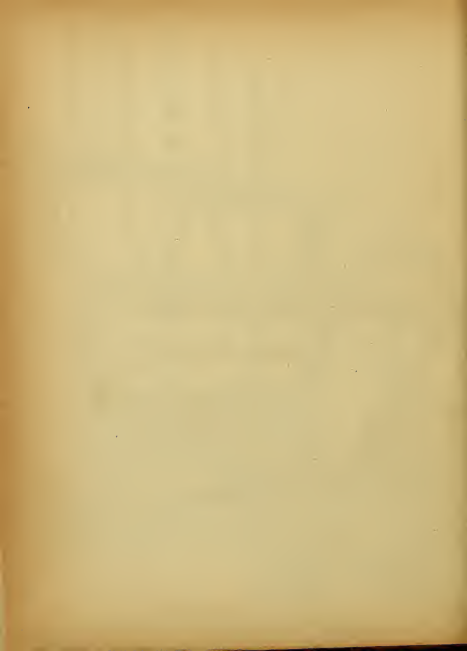
O café, com a sua casca medíocremente aderente ao grão requer operações mais rapidas e sumárias, como ninguem ignora.

Êste descascamento foi por muito tempo realisado a braço nos pilões comuns, para maior desespêro dos escravos, que em tal mistér se empregavam. Trabalho rude e penoso a corroborar o velho proverbio colonial de que o Brasil era o purgatório de brancos e inferno de negros. Conta-se que, também, nos primeiros anos, se experimentava, como para o feijão, fazer a batida do café colhido a vara, nas tulhas onde os cativos trabalhavam, no meio de infernal poeira.

E ainda há a tradição de que os primeiros lavradores, para fazer render o serviço, muito moroso, dos pilões individuais e da malhação a vara, mandavam nos terreiros a boiada passar, por sôbre o café sêco.

E, como o chão de tais terreiros fôsse de terra e naqueles tempos longínquos poucos ainda tivessem recursos para os fazerem lageados ficava em geral o grão extraordinariamente sujo e encardido. Lavava-se pois, toda a carga, prolongadamente, para a separar da terra, submetendo-se a nova secagem.

Assim, ficava pronta para seguir para o mar. Quem, na Europa, a sorver a sua chícara de café, imaginaria estar a engulir uma decocção de produto provindo inicialmente de tão bruto e pouco asseiado processo? Também, o que olhos não veem...

Lembra-nos isto uma reminiscência longinqua da leitura da infância, certo trecho de romance alemão em que o heroi da novela, empregado

Pilão mecanico movido por uma roda hydraulica. Cruzeiro (1840)

numa casa hamburgueza de produtos coloniais devaneava ao ver os ren ques de sacas de café brasileiro:

—Afigurava-se-me ter ante os olhos aquelas cenas encantadoras da colheita do café pelos dedos delicados, esfusiados das belas e lânguidas brasileiras!

E, assim lá ia o nosso rico café mar em fóra, a angariar elementos para a civilisação da terra de Santa Cruz.

Coffea, Brasiliae fulcrum...

Nos anos em que o café, invadindo as encostas da serra marítima, ia arrazando deante de sua marcha invencível, floresta magnifica do vale da Paraíba. Nestes anos longínquos, em que o Brasil adquiria novo e preciosissimo elemento de prosperidade, nova mercadoria de procura intensa que é o seu magno esteio econômico de hoje e a razão de ser primordial do seu intercâmbio monetário, muito longe se estava ainda das máquinas modernas de beneficiamento que aos comerciantes fornece perfeita série de tipos uniformes, no seu polimento e brunimento.

A primeira que descascou café foi o utilissimo e modesto *monjolo* antiquíssimo, probo e paciente instrumento, "maço da fartança, como tão bem lhe chama Alberto Rangel, cujo som, igual, perene e compassado, de canto gemente de moageiro, de certo modo embala o tédio e a insipidez da roça".

Vê-se, no entanto, alvo da chacota, querem os lusitanófobos de ontem e de hoje seja a mais elevada demonstração de inventividade portuguesa!

Demonstra-lhe Varnhagem a procedência chinesa. E' tão velha no ex-celeste Império quanto o *chaduf* no Egito. E Alberto Rangel nêle quer até encarnar o símbolo de uma das metades do Brasil.

Representa o Sul, como a *bolandeira* o Norte, o emblema da banda da pátria onde existem a agua permanente e o desnível forte".

Emigrou para Portugal com os bronzes e os xarões, as sedas de Shangai e de Nankin. Mas foi no Brasil que se aclimou, a ponto de nem lhe encontrar guarida o nome nos grandes léxicos portugueses de antanho.

Aos viajantes estrangeiros do Brasil prendeu a atenção curiosa. Saint Hilaire viu-o poeticamente enquadrado de laranjeiras e avencas nas devezas da Mantiqueira, John Mawe, mineralogista de profisäso dignou-se desenhá-lo numa gravura medíocre. E é corrente entre os velhos paulistas uma anecdota relativa ao quináu que um estudante seu co-provinciano de meiados do século passado prégou em um dos mais famosos lentes de mecânica aplicada de toda a sábia Germânia.

Gabava-se o "magister" de conhecer todas as máquinas mesmo os mais rudes e primitivos mecanismos do Universo. E o moço de S. Paulo surpreendeu-o mostrando-lhe que ignorava a existência do nosso monjolo marralheiro, simbolo da modestia do labor e da eternidade sempre no dizer de Alberto Rangel.

"Deram-lhe o nome depreciativo de preguiça, sem lhe reconhecer a proveitosa lentidão, fruto divino de seu dote de incançável. Representa o passado e a perseverança, conta as horas por igual.

Mistral cantou um poema ás cento e tantas peças da charrúa e ainda não houve brasileiro que poetasse sobre as nove ou dez das partes do monjolo".

E por aí continúa o ilustre escritor, numa série de considerando deliciosamente enunciados em delicada persiflage para terminar numa apóstrofe, perfeito remate de tão belas páginas: "Como tudo mais passarás!

Transformam-te para melhor numa roda Pelton! Qual será teu último avatar, martelão de páu rombo certeiro, indesregrável e sonoro?"

As glorias do monjolo juntamos uma, ainda agora; o seu papel na indústria da preparação do café. E' mais um florão de triunfo a recordar o seu passado, carregado de séculos, mais um título á benemerência aos olhos dos brasileiros que sabem as cousas do Brasil.

E si os portugueses a êle se apegaram e propagaram no Brasil é que o pilão hidráulico de celeste invenção si por um lado tem um rendimento útil mínimo, é por outro, a expressão mecânica da cordura, da complascência, da obstinação no trabalho, da paciencia, da submissão aos mautratos da robustez e da eterna prontidão para o serviço.

Poço legítimo de virtudes, o humilde monjolo encerra no íntimo de seus madeiros toscos a alma extática, sofredora e mística do bonzo, seu provável inventor. Pois é uma máquina que se desengonça de meio século em meio século! Qual outra nêste particular, lhe levará a palma?

A questão é de se a fazer com determinadas madeiras! Só pede isto...

Em Campinas e em priscas éras, reza a tradição, deram-lhe um apêndice caudal de pitoresco aspecto e tiraram-lhe o propulsor hidráulico substituindo-o por um motor animado!

Era êste um cavalinho a virar á roda, pobrezinho! na mais estafante e tédiosa das fainas repisadas e neurastenisantes, movendo um braço de almanjarra que ia sucessivamente fazendo cair sobre os coxos dos pilões a bateria conjugada dos monjolos de rabo.

Sublime invenção de algum mecânico que em si sentia, quiçá a inspiração de um Watt ou de um Arkwright, mas que a rudeza do ambiente sufocou. Assim, pois, se progredira bastante, da vara e do pisoteio da boiada ao monjolo, e, sobretudo, do seu aperfeiçoado congênere, dotado de apêndice caudal.

Surgiu então, a éra do "carretão", como lhe chamavam os povos de Oéste de S. Paulo, ou do "ribas" ou *ripes* como no norte de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, foi apelidado.

Que revolução, no maquinário do café, trouxe esta almanjarra! Que salto na senda do progresso! Era a velha róca das boas velhas de antanho substituida pelo tear Jacquard! Na calha central atritavam por escorregamento lentissimo, regulado pelo tardo passo dos ruminantes, duas imensas rodas de cabreúva, pesadissimas, sôbre o café em côco.

Esmagavam-se as cascas, e daí saía infernal poeira, dizem os contemporâneos da engenhoca, invadindo guelas e pulmões dos pobres negrinhos que, empoleirados sobre o eixo das rodas, dirigiam as juntas, pacientes, condenadas a um "perpetum mobile" que, si era prolongado vinha contudo, a ser bem pouco agitado.

Continuava a rubiácea a levar a morte á selva multisecular. Rolavam vencidos aos golpes dôs machadeiros as imensas perobas as colossais braúmas, as gigantescas jequitibás, as corpulentas cabreúvas, cujos cernes, frequentemente contemporâneos de Colombo e de Cabral, lambidos pelo fogo, iriam lentamente apodrecer nas roças, onde se enfileiravam, perfilados, os cafeeiros na soberbía de sua primeira mocidade; da eugenía conferida pela terra virgem e as condições climatéricas ideais para o seu vicejamento perfeito.

Aumentavam as lavouras e os monjolos, os monjolos de rabo e os carretões não venciam as colheitas.

Foi então que, os lavradores para poupar a sua negrada, pensaram no benefício mecânico do café, obtido por intermédio do motor hidráulico. O pilão se lhes afigurava o *nec plus ultra*, em matéria de mecanismo eficiente; o pilão comum, o velho pilão dos mineradores de ouro, que a competência do ilustre Eschwege introduzira no território mineiro, nas lavras auríferas de Congonhas do Campo e Congonhas de Sabará, onde o Coronel Romualdo Monteiro de Barros, futuro Barão de Paraópeba minerava.

E, assim sob êste modêlo vetusto se fizeram verdadeiras catedrais de madeira, tão tôscas quanto brutais, com aqueles lenhos imensos, que a mata oferecia aos milheiros.

Nada mais simples do que tal máquina, uma roda hidráulica conjugada a um rodete dentado, transmitia o movimento a outra grande roda dentada com que se engrenava.

Era ela que punha em andamento um eixo armado de aspas, cuja rotação transformava o movimento circular contínuo em retilíneo alternativo, aproveitado para se alçarem as mãos dos pilões.

Estas, ferradas na ponta, caíam sobre os côchos onde o café em côco se depositava e onde em breve estava em condições de ser ventilado.

Estupendo maquinismo! glorificador excelso do atrito do escorregamento, relicário de resistências passivas, como que punha o ponto de honra em aproveitar o mínimo da energia motora que lhe era fornecida. Mas, era esta enorme e gratuita, e o material de fabricação da máquina não tinha preço. Escravos carpinteiros, que fazenda não os possuia? A despesa era só a da ferragem.

E depois ia tudo tão devagarinho naqueles bons tempos...

O importante vinha a ser que o café saísse com bom típo e, sob êste ponto de vista, nada havia a exprobar ao bom pilão.

Qual seria o rendimento dessa "catedral" de madeira, construida para, numa espécie de "perde-ganha" mecânico, dar a maior percentagem possível ao trabalho passivo, em detrimento do trabalho útil?

Calcula-se que o bom e solido monjolo apenas alcance um rendimento de 15 por cento. A roda hidráulica do pilão de muitas mãos (quasi sempre de quatro a oito, indo excepcionalmente até dez e doze) aproveitaria talvez 40 por cento, em suas caçambas e alcatruzes, para depois ter esta energia reduzida, e muito, nas largas superfícies atritantes de suas peças, por mais lubrificadas que fossem.

O atrito de escorregamento para a transformação do movimento circular da arvore motora no alternativo vertical das mãos de pilão, tinha

certamente alí, um altar glorificador naquela maxambomba de madeira, das mais finas essências,cujas toras imensas eram os montantes sustentáculos da rude máquina, com os colossais rabos enterrados a notável e desnecessária profundidade. Maquinismo de simplicidade e rudeza extremas só lhe pode caber um qualificativo: cítico.

Mas assim queria a rude prática dos *engenheiros* do tempo, isto é os carpinteiros fabricadores de engenhos, mestres de carapinas que faziam almanjarras colossais, como os pedreiros seus contemporâneos, da velha escola da mestrança de obras portuguêsas só sabiam construir os alicerces e as paredes ciclópicas de que tanto se orgulhavam.

Mas dentro em breve, quiçá por 1870, iniciou-se uma indústria nova no país e das máquinas agrícolas, trazida por ingleses e americanos. E começaram a aparecer os primeiros aparelhos de beneficiamento, como os ventiladores a mão. Saídos de oficinas que logo prosperaram imenso e, enriqueceram, do modo mais largo, os seus fundadores, não tardaram a passar por mil e um aperfeiçoamentos, que, trouxeram os mais notáveis benefícios ao país.

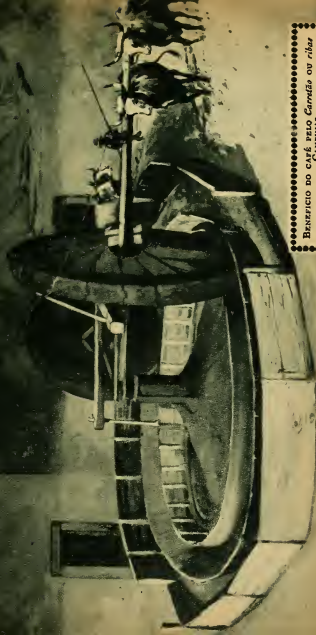
Os velhos mecanismos de madeira receberam o contingente das peças de ferro antes de se transformarem em máquinas quasi exclusivas de metal. Viu-se até o velho rude e primitivo *carretão* ou *ribas* deixar o passo dos seus bois motores para girar movido por uma árvore vertical, arrastando as pesadas moles de cabreúva ou de peroba, conjugados a um eixo fixo horizontal. A extremidade inferior da árvore recebia o movimento de uma haste metálica acionada por uma roda hidráulica, já então muito superior ás velhas rodas, podendo gabar-se de seus coeficientes de rendimento, quiçá 50 e 60 por cento.

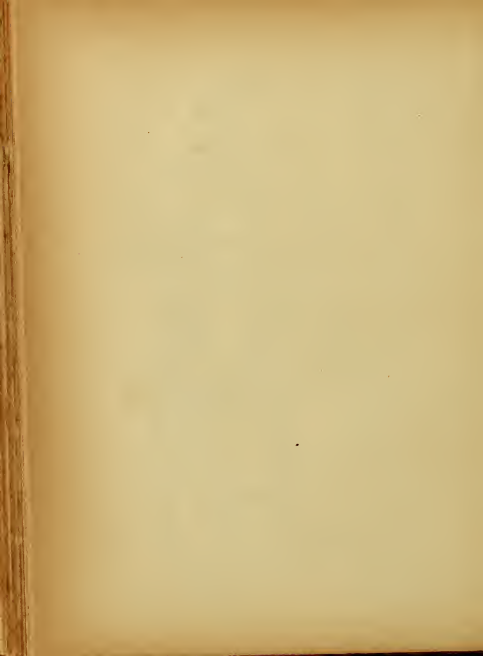
A essa fáse de desenvolvimento de indústria do café se prendem alguns nomes inscritos nos fastos da civilisação do Brasil. Citemos entre êles e entre os mais antigos e notáveis, que nêste momento nos acodem a memória: Lidgerwood, Mac, Hardey e Ahrens.

Do aperfeiçoamento do maquinário passou-se ao dos processos de beneficiamento. Melhorou e muito a apresentação do produto brasileiro agora trabalhado com muito maior capricho. E os processos para a melhoria do preparo começaram a prender a atenção geral e a provocar a inventividade dos engenheiros brasileiros. Assim desde 1880 vemos os belos resultados da secagem artificial que de si tanto deram que falar, obtidos pelos Drs. Godofredo D'Escragnolle Taunay e Augusto C. da Silva Telles, com o seu secador "Taunay-Telles".

Com o correr dos anos rapidamente melhorou e aperfeiçoou-se o maquinário do beneficiamento do café a aproveitar o reflexo de enorme progresso da indústria metalurgica do seculo XIX.

Pouco a pouco se foram reduzindo de tamanho os aparelhos outróra enormes empregados nas diversas operações do benefício. Tornaram-se incomparavelmente mais manejáveis, ocupando arcas cada vez menores. E depois veio a éra em que a mesma máquina, sob dimensões reduzidas, efetuou uma série de operações diversas.

Ao mesmo tempo, cada vez mais capacitado da importância do produto capital do país compreendera o govêrno imperial, quanto era ne-

BENEFICIO DO CAFÉ PELO *Carretão* OU *ribas* CAMPINAS.

(A. Norfini)

cessário tratar do problema cafeeiro sob o ponto de vista especulativo das ciências modernas.

Assim se interessou pelo estudo *in loco* dos problemas atinentes á química fisiológica do café. Daí o contrato dos primeiros sábios chamados a realisar tais pesquizas. Entre êles citaremos o nome de um moço francês, genial, discípulo de Vulpian, falecido do Rio ne Janeiro em 1884, aos 30 anos, escassos, e do esgotamente cerebral mais do que por outra causa: o Dr. Luiz Couty lente de biologia aplicada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. De 1879 em deante deu a lume os seus estudos sôbre o café e o mate. E em 1882 publicou o seu belo livro *Le café* em que com tamanha lucidez estudou uma série de fáces do problema cafeeiro, sobretudo a questão da substituição do trabalho servíl pelo livre.

Pesquizadores brasileiros como Peckolt, Eduardo Guimarães, Domingos Niobey, João Baptista de Lacerda, Carlos Teixeira, etc. também publicaram no último quartel do século trabalhos vários excelentes sôbre a fisiologia e o café.

Dada a importância assumida pela indústria cafeeira no Brasil era natural que entre os agrícultores e economistas nacionais houvesse bastante, desde os primeiros anos, quem dela se ocupasse como assúnto de estudos e tratados especialisados.

O patriarca dessa bibliografía, já no seculo XIX, relativamente extensa, parece ter sido o ilustre botânico autor da *Flora fluminense*, o agrônomo esclarecido do *Fazendeiro do Brasil* Dr. José Mariano da Conceição Veloso que, já em 1790, publicou em suas "*bebidas alimentosas*" a tradução da memória do prussiano Riegar, então obra clássica sôbre o café.

Vieram depois vários autores com produção mais ou menos abundante como o Visconde da Pedra Branca, os Padres Aguiar e Fonseca, o Barão do Patí de Alferes, Nicolau Moreira, Manuel e Paulo Porto Alegre, Burlamaqui Freire Allemão, Sant'Anna Nerí a estudar sobretudo, no último quartel do século a cultura do café em trabalhos criteriosos e alguns dêles valiosos.

Estrangeiros comissionados expressamente para o estudo da questão cafeeira no Brasil também surgiram. Entre êles citemos Van Delden Laerne, delegado do govêrno holandês, cujo relatório, datado de 1855 tão notável impressão causou.

Renovara-se a agronomia como as demais ciências e com isto largamente beneficiou a cafeícultura, como era de esperar. Reflete-se êste fato sobre a bibliografía do café. Ao trabalho notável de Teodoro Peckolt na *História das plantas alimentares e de gôzo do Brasil*, terminado em 1884, onde larga parte se consagra a rubiácea, seguem-seas monografías especialisadas, destacando-se a de ilustre químico agrônomo a quem imenso deveu o nosso país e especialmente o Estado de São Paulo, o Dr. F. W. Dafert, fundador fecundo do Instituto Agronômico de Campinas, e cujo nome foi tão grata e reverentemene lembrado durante os festejos centenários de 1927.

No século XX imenso cresceu a bibliografia do café que hoje constitue a mais volumosa bibliotéca, sobretudo se levarmos em conta as publicações em periódicos. Citemos alguns nomes dentre êsses esforçados defensores da principal báse da economia brasileira, no Estado de São Paulo. Restringimo-nos aos de produção mais avultada em livro e revistas, sobretudo, como Luiz Pereira Barreto, os irmãos Augusto e Francisco Ferreira Ramos, Lourenço Granato, Adolpho Pinto, Augusto C. da Silva Telles, B. Belli, E. Navarro de Andrade, A. Pompeu do Amaral, Persio Pacheco e Silva, Olavo E. de Souza Aranha, Cincinato Braga, Cintra Ferreira, Sampaio Vidal, Veiga Filho, José Paulino Nogueira, J. C. Alves Lima, muitos e muitos mais, numa resenha em que há certamente omissões injustas, mas absolutamente involuntárias.

XV

De 1880 em deante toma a lavoura cafeeira paulista grande rítmo ascencional que, dentro de poucos anos, lhe daria a preeminência da posição privilegiada, no comércio universal do grão da rubiácea.

Com notável descortino compreenderam os fazendeiros de São Paulo quanto estavam contados os dias da existência do elemento servil ante a violentissima investida da opinião pública abolicionista.

E receiosos da fatal desorganisação do trabalho que lhes traria a emancipação, podendo verificar-se, subitamente, ou pelo menos rapidamente, começaram a aparelhar as lavouras de elementos braçais afim de conjurar o perigo da cessação dos serviços.

Daí a corrente imigratória branca, sobretudo italiana, cada vez mais intensa, que encaminharam para o porto de Santos. E o empenho em localisar estes imigrantes, radicando-os nas lavouras cafeeiras. Era liás antiga esta política, datava de decênios, inspiradas pela clara inteligência e o espírito filantrópico do Senador Vergueiro a cujo espírito nobilissimo aborreciam imenso os processos da instituição servíl.

Mas tudo se fizera em pequena escala então. Nem por sombra atingiria pequena proporção do que agora se ia realisar.

As estradas de ferro cada vez mais se internavam no hinterland paulista, permitindo o fácil acesso ás fartas terras rôxas de prodigiosa fertilidade. Assim n'um decênio a exportação cafeeira tornou-se duas vezes maior sendo em 1880:1881 de 1.204.328 sacas, em 1890-1891 de...... 3.048.327 sacas.

Neste decênio ocorrera a violenta emancipação total da escravatura decretada exatamente ao se iniciarem os trabalhos da colheita de 1888. E as lavouras fluminenses, mineiras, espírito santenses que até então só tinham contado com o braço escravo se viram atingidas do modo mais duro. Pois em vesperas da lei redentora, de 13 de Maio daquele ano, era ainda imenso o contingente dos servos nelas empregados.

Em 1864 dizia o Senador Padre Pompeu (ap. Leví Carneiro) que em São Paulo havia um escravo para oito pessoas livres, em Pernambuco e Minas Gerais um para quatro, na Baía um para tres e na Província do Rio de Janeiro um para dois.

Em 1882 existiam duzentos e setenta mil cativos em Minas Gerais outros tantos no Rio de Janeiro e apenas a metade dêste número em São Paulo.

Aquela enorme aglomeração de escravos no Vale do Paraíba fôra devida exclusivamente á cultura do café, salvo quanto a percentagem relativamente pequena dos servos empregados nos canaviais da zona de Campos, Quissaman e Macaé.

Quando se fizer o estudo da História Geral da instituição servíl no Universo muito larga parte caberá, ocioso é lembra-lo, ás colônias européias da America, ao Brasil, á cultura cafeeira do vale do Paraíba.

Lenta mas obstinadamente desde 1851 reagiu a opinião pública brasileira consciente, contra a horrenda mancha nacional. Vinte anos mais tarde ameaçava seriamente a barbara instituição.

E fato curioso, emperrados em suas idéias recusavam os lavradores do vale do Paraíba crer na proximidade do dia em que os seus escravos teriam de ser alforriados. E isto apezar dos avisos fortissimos da grande vitória dos abolicionistas em 1871 e 1885.

Cerravam ouvidos á grita de quem exigia a rapida libertação dos cativos. Tal não sucedeu porém aos agricultores, mais clarividentes ou melhor orientados, de uma zona aliás contigua a da bacia do rio Paraná, em S. Paulo onde, desde cedo se cuidou na substituição do braço servil pelo braço livre, graças á imigração, em larga escala, sobretudo de italianos.

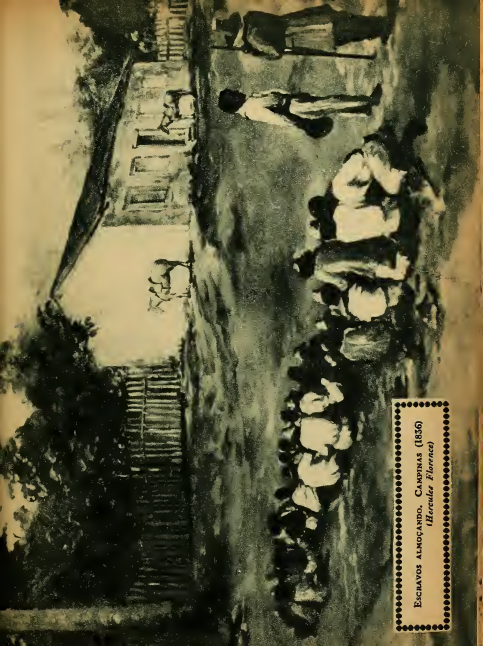
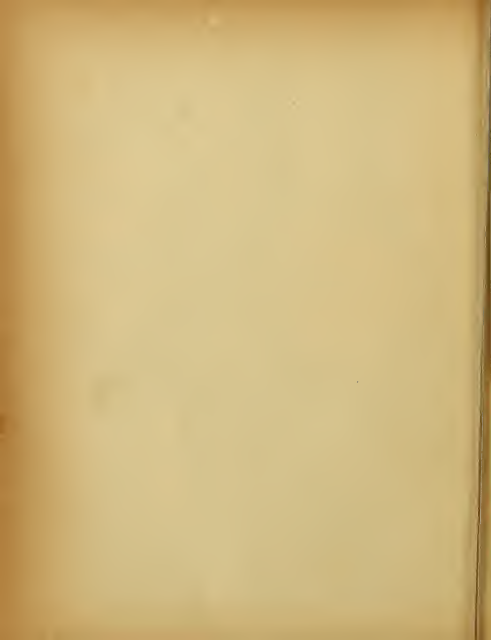
Assim a promulgação da lei abolidora da escravidão no Brasil trouxe tremenda desorganisação de trabalho e o empobrecimento das velhas lavouras fluminenses e mineiras, já aliás muito decadentes em sua produção.

Se por um lado era verdadeiro opróbio a existência, em 1888, do elemento servıl no país, por outro é preciso considerar, por espírito de justiça, quanto, na história econômica moderna do Universo, nenhum exemplo talvez haja de medida tão radical tão extensa e tão profunda quanto esta que destruiu capitais no valor de mais de um milhão de contos de réis!

Daí a terrível desorganisação que tão asperamente atingiu a lavoura cafeeira das províncias da região fluminense provocando enormes exodos de fazendeiros e trabalhadores para os terrenos do oéste paulista e das novas zonas onde o café alastrava pujantemente, já em larga escala, entregue ao braço livre dos imigrantes do Sul da Europa, sobretudo italianos.

E daí a notável desproporção dos embarques entre o porto da antiga capital do café e o de Santos, como exemplifica o quadro:

ANOS	RIO	SANTOS
1900	2.894.283	5.852.076
1907	3.827.082	11.561.881
1909	2.967.842	13.453.105
1913	2.441.060	10.229.245
1915	3.993.021	12.119.741
1919	2.507.436	9.426.335
1922	3.410.957	9.329.729
1926	3.127.026	9.218.311
1927	10.284.538	3.267.502
1930	9.318.260	3.014.439
1931	10.865.120	4.851.721
1933	10.461.953	3.230.497

De 1927 a 1933 as cifras foram transpostas. Pertencem á coluna "Rio". as que figuram na coluna "Santos", e vice-versa.

Escravos almoçando. Campinas (1836)
(Hercules Florence)

Outro porto também tivera notável acréscimo de suas exportações cafeeiras: Vitória escoadouro de lavouras espírito-santenses e mineiras do vale do Rio Doce, como se pode ver do seguinte quadro:

ANOS	SACAS	ANOS	SACAS
1900...........	222.447	1927.............	950.526
1908...........	475.400	1929.............	1.216.132
1915...........	699.171	1930.............	1.517.976
1924...........	832.264	1931.............	1.573.224
1926...........	800:646	1933.............	1.240.959

Como reflexo imediato e poderoso dessa primazia econômica numa indústria que por vezes em lapsos dilatados deixou enormes proventos, vemos o que sucedeu com a nova capital do café, a cidade de S. Paulo cujo desenvolvimento se mostra prodigioso.

Assim se em 1870 contava 20.000 habitantes escassos, tinha 50.000 em 1887, 200.000 em 1900, 550.000 em 1920, e 1.000.000 em 1928.

E o Estado de S. Paulo acompanhava esta marcha ascencional. Em 1837 contava 280.000 almas; 840.000 em 1872; em 1828 atingia 1.220.000 para chegar a talvez 4.000.000 em 1910 e a 7.000.000 em 1930!

Provinha tudo isto do café, apezar de suas terríveis crises de superprodução.

Assim nada mais exato em sua expressividade do que aquela estampa, simbólica, popular durante as festas do segundo centenário do cafeeiro em 1927: Uma balança tendo no prato mais pesado um pé de café e no outro um grande arranha céos.

Ceci avait donné celà.

E essa prosperidade transbordando das fronteiras paulistas já nos ultimos anos proporcionou o desbravamento das terras norte paranaénses. E ao mesmo tempo permitiu a abertura de novas e grandes linhas ferroviárias de penetração como Noroeste do Brasil, concretisação do velho sonho de estadistas do Império: a ligação das terras centrais do coração do Brasil e do continente ao litoral, á capital do país, prendendo pelos trechos ferroviários o Rio de Janeiro á República do Paraguaí.

Explica o movimento da exportação de Paranaguá o que tem sido o transbordamento da lavoura cafeeira paulista.

Em 1922...........	4	sacas!
Em 1923...........	215	»
Em 1924...........	29.521	»
Em 1927...........	212.889	»
Em 1928...........	444.512	»

A crise mundial, a geada e os ventos frios fizeram com que baixassem muito estas cifras.

Em 1931...........	258.292 sacas
Em 1932...........	115.966 »
Em 1933...........	192.816 »

A produção paranaense retomou o seu ritmo ascencional.

Não é só porém no centro e sul do Brasil que se cultiva o café. Outras zonas o fazem mas de modo restrito, produzindo contingente pequeno em relação a grande massa exportada pelos portos de Santos, Rio de Janeiro, Vitória, Angra dos Reis, Paranaguá e Caravelas.

As condições climatéricas não são favoráveis á lavoura cafeeira no extremo norte e nordeste do Brasil. Precisa a lavoura limitar-se em terrenos altos da serra como em Batunte no Ceará, Garanhuns em Pernambuco. A máxima safra exportada do Ceará (a de 1891) atingiu a perto de 44.000 sacas em 1926 caía a menos de mil sacas.

Na Paraíba do Norte a exportação já atingiu dez mil sacas, baixando depois.

Pernambuco cuja produção em 1920 era de 25.413 sacas exportadas, produziu 95.228 em 1923, e 181.899 em 1926.

Daí baixou consideravelmente a exportação para 132.087 em 1930, 64.059 e 40.805 em 1933. Espera-se, porém, como vimos, para o exercício de 1934, uma grande produção a ser consumida em grande parte nos mercados do norte brasileiro.

Na Baía a produção de café desde muito é mais importante do que a de Pernambuco tendo atingido a sua exportação a centena de milhares de sacas, com alternativas acentuadas de altas e baixas, reflexo das crises do preço do produto. Assim vemos em 1898:

ANOS	SACAS DE 60 QUILOS
1898.................	379.882
1907.................	204.233
1908.................	161.515
1914.................	70.216
1918.................	48.268
1920.................	113.251
1923.................	218.543
1926.................	341.217
1928.................	417.563
1929.................	317.940
1931.................	298.616
1932.................	223.460
1933.................	147.940

Espera-se para 1934 uma produção de 202.000.

Há também a computar outra zona cafeeira, aliás ainda de pequena produção, devido ao seu afastamento: a de Goiáz. O resultado de suas colheitas tem consumo interno mas já atinge umas duas dezenas de milhares de sacas. Quanto á produção de outras regiões é ela por assim dizer insignificante na massa enorme global brasileira. Há pequenos cafezais em Santa Catarina, em Mato Grosso, na Amazônia mas o seu rendimento é uma fração mínima do conjunto da elevada safra total, brasileira.

XVI

Seria inadmissível que uma cultura como o café, apesar da sumula de condições ótimas da resistência e durabilidade de sua lavoura e de seus produtos, não tivesse flagelos.

Alguns existem e certos dêles da mais deplorável atuação danificando as árvores e o fruto.

Entre os primeiros tomaram incremento notável a *Hemileia vastatrix* a praga de Ceilão, que aniquilou as plantações do litoral e as que em geral não estavam localisadas a um certo número de centenas de metros de altitude.

Precisa o críptogamo para desenvolver-se de clima bastante quente e de gráu higrométrico elevado.

As anguilulas que proliferam nas raizes do cafeeiro provocaram em muitos distritos elevada mortalidade.

A êstes nematóides, porém, há muito que se não atribue danos sérios aos cafesais.

Relativamente pouco atacadas pelos insetos brasileiros as lavouras cafeeiras combateram sempre com sucesso as formigas sobretudo a saúva, alguns coleópteros, as cigarras, caramujos, lesmas, pulgões e cocidas, todos êles causadores de estragos relativamente resumidos.

Em 1860 após uma safra enorme sentiram-se muito os cafezais. Logo depois apareceu uma borboletinha noturna, aos milhões de indivíduos, cujas larvas devoravam as folhas dos cafeeiros, a ponto de as deixar em vara.

Tal borboletinha tinha as mais exíguas dimensões, apenas dois milmetros. Não havia como lutar contra tal assalto.

Tomou a sua disseminação proporções imensas convertendo-se em verdadeiro flagelo nacional.

O Govêrno incumbiu a uma comissão de cientistas, presidida pelo eminente botânico Freire Alemão, de estudar a praga que depois de causar imensos danos aos agricultores do Rio de Janeiro e Minas também prejudicara enormemente os de São Paulo onde, por exemplo, os cafezais de Campinas haviam ficado absolutamente despidos pelo *bicho mineiro*, nome vulgar que lhe davam.

Tratava-se de um lepidóptero das Antilhas que alí causara também danos colossais: a *Leocoptera coffeella* de Kubner. Entre 1860 e 1863 os males da borboletinha foram imensos. Já em 1863, porém, estava em franco declínio a infestação, embora as colheitas ainda se resentissem do ataque ás árvores.

Beneficiamento do café no primeiro quartel do seculo XIX
(*A. Norfini*)

Em 1865 anunciava o Ministério da Agrícultura jubiloso que virtualmente desapparecera o terrível lipidóptero cujo reaparecimento até hoje não se efetuou de modo sensível.

Muitissimo mais grave porém é a infestação atual verificada desde uma dezena de anos, oficialmente, dos cafezais, sobretudo do municipio de Campinas, pelo terrivel e minusculo coleóptero *Stephanoderes hampei* identificado em 1924 por Costa Lima.

Não prejudica as arvores mas é insaciável granívoro e como tenha colossal proliferação, e resistência, a sua marcha devastadora é incessante e até agora triunfal, embora lenta.

Veio subrepticiamente em mudas de café de Uganda, ao que parece, e supõe-se que está aclimado em S. Paulo desde 1915 (?). Sabe-se que reduziu os plantadores das Indias Holandesas.

O Govêrno paulista do Presidente Carlos de Campos contra êle organisou ativa e vigorosa resistência, estudada e dirigida por Arthur Neiva no Instituto Biológico de São Paulo.

O processo radical e eficassissimo do *repasse* refreia a marcha da infestação, mas é dispendioso e a baixa de preços do produto fez com que deixasse de ser a defesa á altura do ataque.

Ultimamente tem prestado excelente concurso para a luta contra este coleóptero daninho, de inumeráveis legiões, um himenóptero seu parasita da Uganda de cuja átividade muito se espera apesar de que sua aclimação, em clima mais frio do que o seu *habitat* natural, seja lenta.

Em todo o caso são positivos os resultados já obtidos.

Propaga-se o *Stephanoderes* pelo Oéste paulista já tendo atingido as lavouras dos municípios mineiros limítrofes de S. Paulo. E a sua disseminação excessiva é um grave ponto de interrogação para o futuro de nossa principal lavoura cujas colheitas tanto reduz e a cujos típos prejudica imenso.

XVII

Larguissimo anedotário se prende hoje ao café, tão importante é o produto para o conjunto da economia universal.

Algumas das suas histórias são aqui conhecidas, como por exemplo a famosa resposta de Fontenele, quasi centenária, a quem lhe dizia que o café era um veneno:

—Mas como mata lentamente! Vejo o meu caso que há mais de oitenta anos com êle me intoxico diária e largamente!

Era natural que ao *folklore* do Brasil se prendesse de modo especial tão íntima a conexão entre êle a a vida brasileira, tão profunda a sua infiltração nos habitos brasileiros.

Assim intenso adagiário existe no Brasil sobre o café. Cremos, porém, que não ha ainda coordenação dos seus elementos. Haverá perfeita exação na frase do nosso ilustre romancista Coelho Netto: *A História do Brasil está escrita com tinta de café*, se puzermos a restritiva "independente" junto ao nome do país

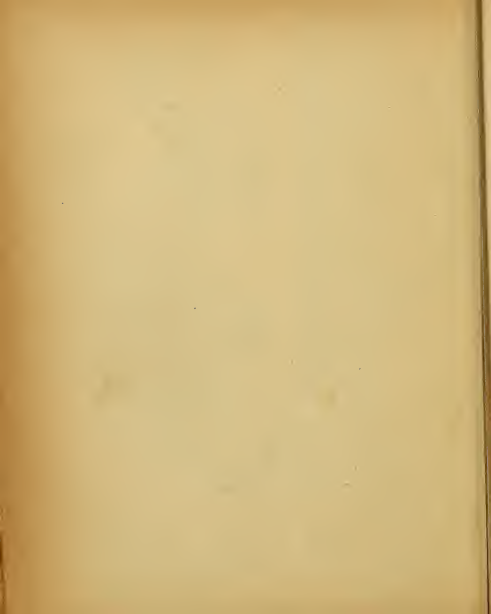
Quanto na prosa e no verso brasileiros ocupa vultoso lugar o café, quanto tem servido o ambiente de suas lavouras para os quadros novelescos demonstram-nos numerosas obras de nossa literatura, desde o *Tronco do Ipé* o *Til* de Alencar e a *Mocidade de Trajano* do Visconde de Taunay até em dias relativamente recentes—*A Carne* de Julio Ribeiro o *Inverno em Flor* e o *Rei Negro* de Coelho Netto entre os mais conhecidos.

Assim também inumeras vezes inspirou o café aos poetas nacionais e entre estas produção uma há conhecida, em todo o país, o belo soneto *Pae João* de Cyro Costa homenagem ao papel capital do escravo negro no desenvolvimento da lavoura cafeeira.

Mas na poesia popular e no *folklore* brasileiros a parte que cabe a proeminência do café nos habitos e costumes é enorme. Também é assás considerável no lendário, recorda-o Basilio de Magalhães, e lembra ainda que parodiando o estribilho do nosso primeiro hino nacional o *Brava gente* de D. Pedro I diziam os portugueses, insultuosamente, aos seus ex-colonos, entre outras cousas, que os brasileiros haviam trocado as cinco chagas de Christo que figuram no escudo de Portugal pelo fumo e o café do brazão de seu país independente.

Assim também rememora o mesmo autor entre outros a circunstância curiosa de haver o primeiro Imperador distribuido aos seus fieis um galho de café, como insignia, quando em 1823 vibrou o golpe de estado que dissolveu a Constituinte de seu novo Império, aparecendo em público a

Transporte para embarque no porto de Santos. (1826)

(Hercules Florence)

brandir tal ramo que era acompanhado por seus ministros e até pela sua favorita, a Marquesa de Santos.

Comparações inglesas a cada passo surgem na linguagem popular e familiar, cuja origem é a preferência pela bebida nacional.

Nas quadras da poesia popular brasileira encontrou Basilio de Magalhães o grande material aduzido num de seus belos artigos publicados durante as festas bi-centenárias de 1827 e referente ao café. No adagiário nacional é tambem elevada tal influência. Assim, por exemplo, ocorreu em todo o país dizer-se de um avarento que "é incapaz de pagar uma chícara de café a quem quer que seja". E como é geral o gosto pela infusão concentrada da bebida ingerida sempre muito quente, pelos seus apreciadores. Não menos popular em todo o Brasil é o ditado que afirma só ser bom o café que, posto na boca do seu consumidor e atirado a um cão faça o animal ganir de escandalo.

XVIII

De quanto se justifica a divisa *Coffea Brasiliae fulcrum* a eloquência das cifras nos dirá nêste pequeno quadro relativo á exportação total do Brasil.

ANOS	Valor do café em £1000	Exportação total em £1000	Porcentagem do café
1821/1830..................	7.189	39.097	18,39%
1851/18€0..................	49.741	102.007	48,76%
1871/1880..................	112.854	199.685	65,70%
1901/1910..................	244.146	476.222	51,27%
1911/1920..................	383.734	725.960	52,86%
1924........................	71.833	95.103	75,53%
1928........................	69.000	97.426	71, %
1930........................	41.000	65.745	62, %
1932........................	26.000	36.629	76, %

Pode-se dizer que de 1870 em deante o café concorreu com metade da exportação brasileira chegando, a atingir a três quartos da produção total do país.

Nas três ultimas safras as cifras da produção brasileira em confronto com a mundial são as seguintes:

SAFRAS	BRASIL	Outros países
1931/1932	26.027.000	8.300.000
1932/1933	15.880.000	9.636.334
1933/1934 (calculado)	29.600.000	10.776.000

O quadro abaixo, relativo á safra de 1932/1933 e, portanto, completo quanto ao último exercício cafeeiro encerrado, dá-nos uma idéia do consumo pelos principais compradores do nosso produto maximo.

Estados Unidos	10.301.196
França	2.767.071
Alemanha	2.021.298
Holanda	754.477
Belgica	670.116
Suecia	622.335
Italia	597.773
Grã-Bretanha	371.273
Dinamarca	343.874
Espanha	318.733

Diversos outros países compraram ainda 2.625.810 sacas sendo o total exportado 21.393.954.

A última safra, a de 1932/1933, assim de avalia (em numeros redondos) para um total de 15.880.000 sacas de 60 quilos:

	SACAS
São Paulo para 1.475.000.000 cafeeiros	10.580.000
Minas Gerais para 745.300.000 cafeeiros	2.700.000
Espírito Santo para 237.500.000 cafeeiros	900.000
Rio de Janeiro para 279.300.000 cafeeiros	600.000
Outros Estados para 230.500.000 cafeeiros	1.100.000

Os cálculos para a safra de 1933/1934 são os segnintes:

	SACAS
S. Paulo	9.656.000
Minas Gerais	2.867.000
Espírito Santo	1.300.000
Rio de Janeiro	900.000
Pernambuco	230.000
Paraná	200.000
Baía	202.000
Goíaz	20.000

ou sejam 15.385.000 sacas.

As últimas safras assim se representam:

1920.................	11.524.780
1921.................	12.368.612
1922.................	12.672.536
1923.................	14.465.587
1924.................	14.226.482
1925.................	13.481.955
1926.................	13.751.479
1927.................	15.115.061
1928.................	13.881.495
1929.................	14.280.815
1930.................	15.288.409
1931.................	17.850.872
1932.................	11.935.244
1933.................	15.544.332

Corresponde este total de 14 safras a uma média anual de 14.027.689 sacas.

XIX

Para nós outros brasileiros, *maxima debetur coffeae reverentia* seja-nos permitido escrever a para frasear a famosa frase ciceroniana.

E realmente que seria o Brasil sem o café? que seria atualmente êste enorme arcabouço sem ter, para o representar no conjunto do comércio universal, a manipulação de um gênero de valor também universal.

Se temos câmbio, *c'est toi divin café!* apostrofemo-lo com o famoso emistíquio delileano.

Se o país possue o que possue, em matéria de aparelhamento e de recursos normais: *c'est toi divin café!* Se não caimos na estagnação dos países mineradores do Pacífico, esgotados os recursos extrativos: *C'est toi divin cafe!*

Se acabados os dias prósperos da cana de assucar e do ouro não baixámos ás condições do atrazo de Angola: *c'est toi divin café!*

E com efeito que seria do Brasil imperial sem o café? que outro fator lhe poderia ter fornecido a potência financeira de que lhe decorreu durante decênio a hegemonia sul-americana? Que seria do Brasil atual sem o café? onde arranjar substituto de seu valor para as exigências imperiosissimas da balança do comércio, inexorável para com os povos que não produzindo regridem? onde se descobrir gênero de igual valor monetário? de tão grande aprêço e tão alta capacidade aquisitiva, sob tão pequeno volume? Que era São Paulo antes do café? Dirão os sentimentais, a quem impressiona Euclides da Cunha, e verberam os "fazedores de desertores", que o café arrazou a floresta e deixou o ermo em terras fluminenses de serra acima, nas mineiras da Mata e nas do norte paulista.

Continúa na sua marcha a esterilisar o sólo por toda a parte por onde passa a sua pomicultura, formosa entre todas.

Mas não se esqueçam os acerbos reparadores que se realmente despiu terrenos mal feitos e asperos, e esgotou-se temporariamente, operou admirável transmutação de valores. A selva da rubiácea deu o ouro com que se fizeram dezenas de milhares de quilometros de ferro-vias, fez surgir a civilisação á face das terras onde após as fazendas vieram as cidades.

"Heri solitudo hodie civitas!" Quantas e quantas das nossas cidades fluminenses, mineiras e paulistas não poderiam adotar como divisa êste mote? E tal não é um surto idêntico que o café está provocando exatamente nos dias de hoje, nas zonas rurais do noroeste paulista, do norte paranaense ontem solidão, hoje cidade!

E onde está este outro esteio da nossa economia nacional, depois que a borracha baqueou? Não é ao café que o Brasil pede os seus recursos essenciais? Já não se calcula o que ele rendeu ao país perto de cincoenta milhões de contos de réis?

Assim com o maior espírito de justiça se celebrou em toda a extensão nacional, nas zonas cafeeiras e nas zonas não cafeeiras, a efeméride faustosissima e bicentenária de maio de 1727. E relembrou-se com as vozes da gratidão, os nomes dos benfeitores do Brasil que foram todos os precursores que alicerçaram a grandesa do Brasil agrícola moderno nas sementeiras da planta arábica.

Sim porque, irretorquivelmente há mais de um século se pode afirmar: *Coffea Brasiliae fulcrum!*